



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - FAEL**

DÉCIO MARTINS MOTTA

**O HOMOSSEXUALISMO EM *BOM-CRIOULO*,
DE ADOLFO CAMINHA**

**MARABÁ
2011**

DÉCIO MARTINS MOTTA

**O HOMOSSEXUALISMO EM *BOM-CRIOULO*,
DE ADOLFO CAMINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Estudos da Linguagem do Campus Universitário Marabá, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua, sob a orientação do Prof^o Msc. Josiclei de Souza Santos.

MARABÁ
2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Josineide Tavares, Marabá-PA)

Motta, Décio Martins.

O homossexualismo em bom-crioulo, de Adolfo Caminha / Décio Martins Motta; orientador, Josiclei de Souza Santos – 2011.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do Pará, Faculdade de Estudos da Linguagem, 2011.

1. Literatura brasileira. 2. Caminha, Adolfo Ferreira, 1867-1897 – Bom crioulo. 3. Homossexualismo. 4. Naturalismo I. Título.

869.5

DÉCIO MARTINS MOTTA

**O HOMOSSEXUALISMO EM *BOM-CRIOULO*,
DE ADOLFO CAMINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Estudos da Linguagem do Campus Universitário Marabá, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua, sob a orientação do Prof^o. Msc. Josiclei de Souza Santos.

Data da aprovação: 31 de março de 2.011.

Banca Examinadora:

Prof^o. Msc Josiclei de Souza Santos – Orientador
Instituição: Universidade Federal do Pará.

Prof^a. Dr^a. Simone Cristina Mendonça – Membro
Instituição: Universidade Federal do Pará.

Prof^a. Msc. Gisela Macambira Villacorta – Membro
Instituição: Universidade Federal do Pará.

CONCEITO:

MARABÁ
2011

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me dado a inteligência e a capacidade de ver na educação o foco orientador para o bom caminho a ser percorrido por todos nós.

Aos meus familiares, pela compreensão e apoio para conquistar mais este objetivo.

Aos professores, pela contribuição marcante para que eu pudesse compreender o sinal de luz que me mostravam.

Aos colegas, pela maneira simpática com que me suportaram por todos esses anos, sempre em grande harmonia.

Aos funcionários do Campus de Marabá que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a formação da turma.

Em particular, ao professor Josiclei por ter contribuído para a realização deste trabalho, e às professoras Simone e Gisela por terem aceito o convite para participarem da banca examinadora.

Aos meus netos Antonio Guilherme, Rafael Ricardo e João Gabriel, como forma de estimulá-los a trilhar o caminho do Bem.

AS CIVILIZAÇÕES

“As civilizações desabam
por implosão...
Depois,
como um filme passando às avessas
elas se erguem em câmera lenta do chão.
Não há de ser nada...
Os arqueólogos esperam, pacientemente,
A sua ocasião!”.

(Mário Quintana).

SUMÁRIO

RESUMO	8
INTRODUÇÃO	9
1 IDENTIDADE E HOMOSSEXUALIDADE	13
1.1 A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	17
1.2 MASCULINIDADE E FEMINILIDADE	19
2 O NATURALISMO E A SEXUALIDADE	28
2.1 HISTÓRICO	30
2.2 CARACTERÍSTICAS	33
2.3 ADOLFO CAMINHA E <i>BOM-CRIOULO</i>	39
2.3.1 Sobre a obra	41
2.4 AMARO PELO OLHAR NATURALISTA	48
2.5 ALEIXO E A IDENTIDADE TRANSFORMADA	54
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
4 REFERÊNCIAS	64

RESUMO

O processo de construção da identidade individual e coletiva, da mesma forma que a formação da sexualidade, é permanente, em sua forma plural, com caráter provisório e em constante “devir”. Desta forma, o presente trabalho de pesquisa tem por objetivo apresentar uma análise do homossexualismo em *Bom-Crioulo*, romance de Adolfo Caminha, considerando os pressupostos teóricos de Sigmund Freud (1856–1939), no que concerne à formação da sexualidade humana, e os trabalhos de Foucault (1926–1984), buscando mostrar que identidade e sexualidade são aspectos em permanente construção na vida do ser humano. Neste sentido, em *Bom-Crioulo*, a narrativa contribui para a compreensão destes assuntos. Na obra, Amaro e Aleixo, mantêm uma relação homossexual que culmina na degradação do primeiro e na transformação da identidade do segundo, pela representação da heterossexualidade. Nos diferentes destinos de cada personagem há de se considerar a existência de uma ideologia determinista de raça, meio e temperamento, que tornam *naturais* ambos os destinos apresentados pelo narrador.

PALAVRAS-CHAVE: Determinismo. Homossexualismo. Identidade. Naturalismo. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

DO IDEAL

“Como são belas
indizivelmente belas
essas estátuas mutiladas...
Porque nós mesmos lhes esculpimos
– com a matéria invisível do ar –
o gesto de um braço... uma cabeça anelada,, um seio...
tudo o que lhes falta!”
(Mário Quintana)

Durante a disciplina História da Literatura estudou-se que as obras literárias, verificadas dentro do contexto literário ao qual cada uma delas representa, constituem fontes de expressão histórica da realidade. Embora seja uma realidade fictícia, ou, às vezes, uma crítica à vida cotidiana da época, os textos literários produzidos pelos diversos autores, de modo geral, possibilitam conhecer, ou permitem que se estabeleçam conhecimentos, pela riqueza de detalhes com que abordam os aspectos éticos, sociais e históricos de uma determinada época.

Assim sendo, o conjunto de obras de uma específica escola literária, ou estilo literário, permite fazer um retrato da realidade coetânea ao período em que viveu seu autor. Desta forma, o texto literário, em especial por sua característica multissignificativa, nos possibilita diferentes interpretações, as quais podem problematizar fatos que marcam discussões na sociedade, ao longo da história da humanidade. De outra forma, um texto literário pode apresentar significações distintas ao ser interpretado em contextos sócio-histórico-culturais diferentes.

Neste sentido, o contato com a obra *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, durante a disciplina Literatura Brasileira, despertou reflexões sobre um assunto muito debatido e problematizado na atualidade – o homossexualismo, em geral, e a homossexualidade masculina, em particular. Desta forma, este trabalho de pesquisa pretende apresentar discussão e considerações, no âmbito literário, sob o tema “A homossexualidade em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha”.

Para a realização desta análise serão apresentados: um histórico a respeito do homossexualismo, considerando situações registradas nas páginas da literatura; o ponto de vista sobre os estudos feitos pela Psicanálise, no que concerne à formação da sexualidade humana; aspectos gerais sobre o ponto de vista da construção da identidade homossexual e o reflexo dessa opção numa sociedade tradicional e conservadora. Exemplificando todos esses aspectos serão apresentadas situações relativas ao homossexualismo masculino revelado em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Para caracterizar essa sexualidade revelada nas personagens Amaro e Aleixo, foram analisados teóricos que pesquisaram sobre a provável origem da homossexualidade, como Sigmund Freud (1856 – 1939), o fundador da Psicanálise; da mesma forma foi consultado Michel Foucault (1926 – 1984), filósofo francês que retomou os estudos sistematizados por Freud, e que avançou no conhecimento da história da sexualidade, sob outros aspectos.

Para Freud¹, que se dedicou à pesquisa neuropatológica, escrevendo inúmeras obras que tratam da formação do caráter moral do indivíduo, eventualmente, parte das pulsões no desenvolvimento da sexualidade na criança, pode permanecer retida nos estágios anteriores do desenvolvimento, produzindo, desta forma, manifestações de neuroses e perversões, o que, para o autor, dará origem à opção pela homossexualidade. Assim, para o psicanalista, o homossexualismo é consequência de conflitos no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo.

Para Foucault, que se dedicou ao estudo da história da sexualidade, o assunto “sexo” se revela com a história dos discursos. O seu domínio, segundo o pensador, embora fosse difícil, era importante. O sexo passa a ser compreendido como fator de manifestação da identidade, portanto tem, além do caráter individual, aspectos de representação social.

Para, Foucault², com a liberação dos discursos, o sexo tem que ser controlado, e assim a sociedade burguesa usa o próprio assunto para inverter o

¹ FREUD, Sigmund. **Os Pensadores**. Trad. Durval Marcondes *et al.*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

² FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – A vontade de saber. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988; **História da**

sentido dos movimentos em prol da sexualidade. Nos estudos de Foucault se verifica que a sexualidade faz parte da formação do caráter da pessoa. Assim, os movimentos de liberação sexual devem compreender a afirmação do indivíduo.

Foram também observados os trabalhos de Silva³, Lopes⁴ e Figueiredo e Noronha⁵, por justificarem as diversas identidades, associadas ao ideal de autenticidade do indivíduo.

Deste modo, e especificamente neste trabalho de conclusão de curso, foi constatado que a homossexualidade faz parte da construção de uma identidade e envolve aspectos culturais, aceitos ou discriminados em determinada situação. Assim, quando o homossexual se revela como tal, sofre, em face aos diversos preconceitos estabelecidos social e culturalmente, um processo de exclusão, pois é uma pessoa “diferente” e faz parte de uma minoria dos integrantes da sociedade, como os negros, os índios, as prostitutas, dentre outros.

Em *Bom-Crioulo*, obra típica de características naturalista, espécie de denúncia contra a exploração do ser humano, o autor apresenta um caso da prática homossexual, entre dois militares da Marinha, para os quais há lei específica que condena essa prática como crime. Amaro e Aleixo, marinheiro e Grumete, respectivamente, após terem praticado o coito anal na Corveta, mantém um relacionamento sem qualquer reserva ou preconceito. Ambos vivem situações conturbadas, em face às influências negativas do meio. Amaro se constitui no sujeito ativo e Aleixo, no elemento passivo.

Assim, Amaro está determinado, pela sua condição de negro e escravo, a uma pessoa discriminada pelo pesado trabalho que executa na “velha” corveta, bem como é privado de seu direito de ir e vir, a partir de quando sua identidade homossexual é revelada, quando é impedido de desembarcar. Nesta situação *Bom-Crioulo* representa uma “degeneração natural” de marinheiro, em face

Sexualidade 2: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhom Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998; e **Microfísica do Poder.** Org., intro. e ver. tec: Roberto Machado. 16ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

³ SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

⁴ LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades fragmentadas:** A construção discursiva de raça. Gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2002.

⁵ FIGUEIREDO, Eurídice e NORONHA, Jovita Maria Gerheim. “Identidade nacional e identidade cultural”, in: **Conceitos de Literatura e Cultura.** Juiz de Fora – MG: UFJF, 2005.

de sua cor e situação social. Assim, Amaro é um estereótipo marcado pelo determinismo biológico, social e racial.

Por outro lado, o inexperiente Aleixo, é apresentado como indivíduo cercado de benefícios. Era claro e de olhos azuis. O local de seu embarque é uma região onde o imigrante europeu tem representação significativa na população, por isso sua descendência traz marca de educação do velho continente. Na contramão está Amaro de origem africana e ainda ex-escravo. Assim, a diferença de tratamento que há entre ambos é caracterizada pela influência natural dos caracteres pessoais que herdaram.

Portanto, considerando o enredo criado na obra e com base nos teóricos referidos é que se pretende apresentar uma análise sobre o homossexualismo revelado entre os protagonistas da obra *Bom-Crioulo*. Para a análise deste trabalho, a metodologia adotada é a análise a partir das reflexões teóricas já tecidas sobre o tema, levando em consideração os autores referidos.

1 IDENTIDADE E HOMOSSEXUALIDADE

DOS MUNDOS

“Deus criou este mundo. O homem, todavia,
Entrou a desconfiar, cogitabundo...
Decerto não gostou lá muito do que via...
E foi logo inventando o outro mundo”.
(Mário Quintana).

A identidade pessoal se caracteriza como um processo em permanente construção. Falar em identidade fixa é não reconhecer a possibilidade de desenvolvimento da capacidade do ser humano. Assim, acreditamos na existência “de identidades plurais, ou, ainda, de identificações que teriam o caráter provisório porque em constante devir”⁶.

Em nossa sociedade, a identidade individual e coletiva está em constante formação, por meio da educação, em particular, e das mais diversas interações, de modo geral. Assim, as diversas opções públicas e/ou privadas, como provisórias, estão em permanente consolidação.

Porém, diante do homossexualismo, no Brasil, particularmente em locais, situações ou instituições específicas, o espaço público, embora que de forma dissimulada, se revela como hierarquizado e autoritário, pois na maioria desses locais há evidente tratamento diferenciado entre as pessoas que não se configuram dentro dos padrões aceitos nesses locais, situações ou instituições. Verifica-se, assim, que a homossexualidade ainda é fator de exclusão, diante dos tabus presentes em nossa cultura tradicional.

Como processo, a identidade, embora individualizada e particular, está associada ao ideal de autenticidade da representação coletiva do grupo, pois o homem, detentor dessa identidade, como *ser social* e integrado na sociedade, está sempre inserido numa coletividade, onde é reconhecido. Por outro lado, o indivíduo também é representante desse grupo, e como tal, sua identidade representa traços coletivos. Desta forma, a identidade individual traz implícita a representação da

⁶ FIGUEIREDO e NORONHA, op. cit., p. 189.

identidade coletiva e o indivíduo, através de sua imagem, representa uma categoria socialmente constituída.

Comprovando essa situação de não isolamento do homem, Foucault afirma que:

O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo⁷.

Verifica-se que o indivíduo investe-se na caracterização do comportamento de seu grupo e, do mesmo jeito, esse grupo, de forma visível ou não, procura exigir-lhe padrões comportamentais de moralidade arraigados na sociedade à qual todos fazem parte. Sendo assim, a identidade individual também é coletiva. Por outro lado, qualquer extrapolação comportamental do ser humano, que se configure numa “anormalidade” das atitudes socialmente estabelecidas, tende a uma rejeição clara ou dissimulada. Desta maneira, a conduta de determinada manifestação da sexualidade, não aprovada pelos costumes sociais, causa certo estranhamento, espanto e até mesmo rejeição.

O comportamento homossexual de Amaro e Aleixo, personagens da obra estudada, bem como as insinuações atribuídas ao comandante da corveta e seu imediato, descritas pelo narrador, de orientação naturalista, se constituem em indícios de que na Marinha, e nas mesmas condições às quais estão expostos os tripulantes das embarcações, a homossexualidade é uma marca de identidade do grupo e não apenas de cada uma das personagens criadas na narrativa.

Sendo assim, a identidade homossexual, por exemplo, que é uma possibilidade de manifestação, se caracteriza como uma opção própria de agir da pessoa. Mas, se considerarmos a identidade coletiva, é uma representação de aspectos culturais adquiridos no grupo social de convivência.

Mas em nossa sociedade existe uma categoria social hegemônica que detém o poder e costuma também controlar o comportamento daqueles sobre os

⁷ FOUCAULT, op. cit., p. 58.

quais detém poder. A categoria controlada pode não se dar conta de que há uma ideologia de manutenção de poder, que a coloca numa condição subalterna.

A respeito da estabilidade dessa situação, Gramsci mostra um exemplo bem típico da estrutura do organismo militar, que:

Oferece um modelo destas complexas gradações: oficiais subalternos, oficiais superiores, Estado-Maior; e não se deve esquecer as praças graduadas, cuja importância real é superior ao que habitualmente se crê. É interessante notar que todas estas partes se sentem solidárias; ou antes, que os estratos inferiores manifestam um “espírito de grupo” mais evidente, do qual resulta uma “ vaidade” que frequentemente os expõe aos gracejos⁸.

Fica patente que nessa relação de subalternidade não há consciência do significado do próprio modo de agir da categoria “inferior”, nem de sua efetiva posição como grupo social e nem da real natureza da hierarquização estabelecida pelo grupo que detém o poder. Essa categoria se diz agir em favor da coletividade, mas na realidade está lutando para manter seus privilégios individuais e somente do grupo detentor de poder.

Da mesma forma, essa relação de subalternidade tem diversas caracterizações no interior da narrativa de Caminha. O comandante, para mostrar sua autoridade mostra-se impecavelmente fardado e equipado. Entre os seus subordinados não há dúvida de que a imponência como ele se apresenta é símbolo de seu poder sobre os demais integrantes da corveta. Esta apresentação dá-lhe o direito de mandar aplicar os castigos nos insubordinados.

Outra situação de subordinação mostrada é a obediência demonstrada pelo grumete quanto às investidas de Amaro: um marinheiro experiente, segunda-classe, respeitado e temido por seu “corpo de gigante”, admirado por sua força animalisca. Enquanto isso, Aleixo era apenas um garoto, “uma criança de apenas quinze anos”, que devia respeito ao outro “graduado”. Além disso, tinha Bom Crioulo como seu protetor “desinteressado”. Em Aleixo há claramente uma relação de poder, que é reforçada ao permitir a relação sexual com Amaro.

⁸ GRAMSCI. A. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Trad: Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982; p. 12.

Assim, da mesma forma que entre as personagens Amaro e Aleixo de *Bom-Crioulo*, a identidade homossexual é uma questão subalterna se analisada no contexto de grupos sociais hegemônicos. Será representativa da coletividade apenas quando contextualizada em grupos cuja opção pela homossexualidade é dominante.

Para compreender o sentido dessa hegemonia estabelecida na sociedade, recorreremos ao conceito elaborado por Gramsci (1982) e aos textos organizados por Aggio⁹, que trazem um estudo sobre o mesmo assunto.

Assim, uma relação hegemônica expressa, segundo Gramsci, sempre uma prioridade da vontade geral, em detrimento da vontade particular ou individual – é o interesse comum ou público que prevalece sobre o interesse pessoal ou privado. A hegemonia “implica uma passagem do momento ‘egoístico-passional’ para o momento universal”¹⁰, o que caracteriza o predomínio da “vontade geral”. Nessa situação, o homossexualismo é interpretado, ou considerado, apenas como uma opção pessoal, portanto o indivíduo nessa prática não alcança posição de destaque nessa sociedade.

Porém há ainda que considerar que essa hegemonia é uma imposição da classe dominante, ou daqueles que sustentam privilégios no seio da sociedade, por assumirem como tal e a serviço do interesse comum. Assim, transformam as camadas subalternas em “massa de manobra” e agem como seus representantes. Nessa ação alimentam uma ideologia de controle do poder. Por outro lado, aceitando passivamente a subordinação, o grupo inferior deixa de se beneficiar de direitos e privilégios afetos somente ao grupo denominado superior.

Amaro aceita a subalternidade a partir de quando é caracterizado como “ex-escravo” e “negro fugido”, reconhecendo que seu ingresso na Marinha era uma forma de conquistar sua liberdade. Assim, aceitava todas as penas aplicadas a bordo da corveta, afinal de contas era homem e haveria de resistir aos mais severos castigos. Via com naturalidade a função do comandante e do imediato, os quais estavam ali para corrigir os subordinados transgressores dos costumes estabelecidos pela instituição militar.

⁹ AGGIO, Alberto (org.) **Gramsci**: a vitalidade de um pensamento. São Paulo: UNESP, 1998.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 31.

Por outro lado, a Igreja em sua tradição cultural secular não admite qualquer manifestação da sexualidade visando o prazer. Para esta instituição o sexo tem apenas fins de procriação e é aceito no casamento, regido por leis específicas. Para reforçar essa postura, faz sua interpretação do texto bíblico, que muitas vezes discrimina aqueles que, por uma ou outra razão, estão na prática de uma sexualidade não aprovada pelos seus costumes.

Porém, na verdade, o que ela reforça são “procedimentos de segregação visível e de integração invisível” ¹¹, portanto são atos discriminatórios e de exclusão social. Assim, “costuma-se enfatizar os aspectos conservadores e reacionários da religião [...] face à sexualidade: bulas e encíclicas papais proibindo [...] o homossexualismo [...]; a atribuição dos males e doenças ligados ao gosto pelo prazer carnal” ¹². Agindo assim, a cerimônia religiosa do casamento tem dupla finalidade: a instituição da sexualidade permitida e celebração de um “contrato” de subordinação entre os nubentes. Isso sinaliza para a permissão da sexualidade e a relação de poder implicada nela.

Desta forma, toda sexualidade que não conforma com os padrões morais hegemônicos é considerada *vício*, e seus praticantes não possuem virtudes que os recomendem para o Reino de Deus.

Portanto, observa-se que as formas de sexualidade são e foram objeto de disputa, de controle social e individual, bem como de emancipação da pessoa.

1.1 A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL

Numa situação em que não há nenhuma manifestação da sexualidade fora dos padrões hegemonicamente aceitos, cria-se uma imagem de estabilidade comportamental e a identidade, individual ou coletiva, torna-se facilmente compreensível pelo grupo. Assim, ela é reconhecida e aceita. Mas a questão se

¹¹ CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual** – essa nossa (des)conhecida. 8ª ed. São Paulo: Braziliense, 1985, p. 80.

¹² Id., *ibid.*, p. 83.

torna polêmica quando estão presentes situações que as instituições sociais consideravam como problemáticas.

Já no século XIX a classe burguesa delibera abertamente sobre o assunto. Desta forma, para a classe subalterna o sexo é visto como uma necessidade carnal e fonte de prazer. Por outro lado, a burguesia analisa o ato sexual do ponto de vista econômico, político e social.

Isso, na verdade é uma forma de compreender como sexo e poder se articulam. A manifestação sexual é domesticada pelo discurso jurídico, pelas leis sociais e pelos tabus dogmáticos da religião que a controlam, normatizam e manipulam, num conjunto de forças, com o objetivo de sujeitar os cidadãos a uma situação desejável. Assim, o poder se caracteriza como uma multiplicidade de correlações de forças em função da sexualidade.

Esse movimento se prolifera como consequência de discursos que se acirram, a partir do século XVIII, com o crescimento do movimento de revolta contra a exploração do homem pelo homem. Sobre essa situação Foucault escreve que a:

Multiplicação provável dos discursos “ilícitos”, discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado ¹³.

Assim, segundo Foucault, a burguesia vê o sexo como um problema a ser tratado por intermédio da política e da economia, ao mesmo tempo atribui à classe subalterna o assunto como ato puramente carnal e indecente, um vício ou caso patológico. Assim, emprega o poder que tem para tornar lícita sua iniciativa.

Em *Bom-Crioulo* (1895), Adolfo Caminha mostra uma relação homossexual relativamente velada entre Amaro e Aleixo, os quais manifestam uma sexualidade em discussão no século XIX e que no contexto dos marinheiros é um fato não reprovado, pois é uma forma de manifestação de outros integrantes, que

¹³ FOUCAULT, 1988, p. 22.

por questão de poder apenas são tratadas por insinuações, pela própria linguagem empregada pelo narrador.

Assim, enquanto o comandante era um militar que mandava castigar os marinheiros infratores sem piedade, o seu imediato não tinha as mesmas atitudes. Ao contrário, tinha um comportamento que permite uma interpretação ambígua quanto a sua identidade, definida, neste caso, por sua provável opção de uma homossexualidade. Do mesmo modo, embora tenha sido caracterizado como um “homem robusto de feições e presença nobre, olhar enérgico”¹⁴, o comandante também é descrito com identidade sexual ambígua. Vejamos a forma como ele é caracterizado na narrativa:

Demais, o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava de promover seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que inventam por aí.¹⁵

Portanto, observa-se assim, que a cultura da diferença também está presente em grupos de pessoas que culturalmente e por intermédio de imposições regulamentares, são impedidos de se manifestarem como “diferentes”.

1.2 MASCULINIDADE E FEMINILIDADE

Como esclarecimentos iniciais para a representação destes signos, recorreremos à definição do dicionário¹⁶, onde a masculinidade representa a qualidade do que é viril, másculo; virilidade. Por outro lado, másculo significa aquele que demonstra qualidades próprias de homem. Seu antônimo é efeminado – que(m) não tem, ou perdeu, os modos masculinos; que é exageradamente delicado, sensual.

¹⁴ CAMINHA, op. cit., p. 11.

¹⁵ Id. ibid., p. 22.

¹⁶ BARSÁ Planeta Internacional. *Dicionário Barsa da Língua Portuguesa*. Lexicógrafa resp. Thereza Christina Pozzoli. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

Já para Freud¹⁷, a distinção entre masculino e feminino, na vida mental, é “uma equação empírica, convencional e inadequada”. Segundo o psicanalista, o masculino representa o que é forte e ativo, enquanto que o feminino está relacionado ao que é fraco e passivo. Para ele, o indivíduo é um organismo animal com uma disposição bissexual inequívoca e corresponde a uma fusão de duas metades simétricas, uma das quais é masculina e a outra feminina. “Todo ser humano apresenta impulsos, necessidades e atributos tanto masculinos quanto femininos, e [...] uma anatomia para indicar características de masculinidade e feminilidade”¹⁸.

Também temos que feminilidade representa a qualidade, o caráter, o modo de ser, pensar ou viver próprio da mulher. E neste caso há de se ressaltar que é “próprio da mulher”, não se especifica exceções, não cabendo a indivíduos masculinos que manifestam estes traços. Para o termo “feminino” o dicionário traz os significados: “gracioso, terno, dócil; o que é próprio de mulher ou de fêmea”. O gênero realmente se refere ao “sexo frágil”. Por outro lado, no vocábulo “masculino” temos: “que se refere a, ou é próprio de macho; másculo; varonil, viril”.

Já a respeito da homossexualidade masculina, Foucault (1998) explica que nessa relação sexual também se observa uma relação entre: “atividade e passividade”, superioridade e inferioridade, dominante e dominado, o que se submete e o que é submetido, “o que vence e o que é vencido”. Nessas relações, segundo Foucault, para haver aprendizagem deve ser uma relação entre o homem e o rapaz. Isto é o que acontece na relação entre Amaro (homem, com atitudes de másculo) e Aleixo (efeminado por sua delicadeza e sua submissão). Porém, para o grumete, houve um ensinamento para o processo de constituição de sua identidade e para a transformação.

O modo biológico do masculino e do feminino é válido para identificar uma pessoa como homem ou mulher, sob o ponto de vista da constituição física. Porém, seria ilusório considerar essa característica para definir a identidade sexuada do masculino ou do feminino, pois sua representação simbólica social vai mais além do biológico. Determinadas atitudes indicam virilidade (masculino), outras expressam

¹⁷ FREUD, 1978, p. 230.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 163.

fragilidade (feminino). Usar terno e gravata, usar macacão sujo de graxa são demonstrações de masculinidade; usar roupa decotada e leve são características de exclusiva feminilidade.

Por outro lado, o homoerotismo é uma manifestação reservada e muitas vezes não tem visível identificação. É um desejo íntimo da pessoa em sentir atração erótica pelo mesmo sexo e esta manifestação pode apresentar-se como uma tendência progressiva ou inesperada.

É o que se observa em *Bom-Crioulo*, no trecho a seguir:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-se Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um imã ¹⁹.

Amaro era homem e tinha consciência de sua masculinidade, muito embora houvesse passado por frustrações sexuais com mulheres. Porém, sua opção sexual com vistas ao prazer, foi revelada num momento inesperado e de forma súbita, que nem ele acreditava. Por esse desejo “homoerótico” ele se condena perante Deus, mas aceita como objeto de sua natureza humana.

Desta forma, Amaro revelou-se sempre como masculino, no gozo de sua virilidade, porém, sentiu prazer somente na relação com pessoa do mesmo sexo. Para o narrador:

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no dorso a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos ²⁰;
[...] O negro parecia uma fera desencarcerada: fazia todo mundo fugir ²¹;
[...] Estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem ²²;

¹⁹ CAMINHA, s. d., p. 24.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 16.

²¹ *Ibid.*, p. 17.

²² *Ibid.*, loc. cit.

[...] Nu da cintura para cima, numa riquíssima exibição de músculos, os seios muito salientes, as espáduas negras reluzentes, um sulco profundo e liso d'alto abaixo no dorso, nem sequer gemia, como se estivesse a receber o mais leve dos castigos²³.

Em todos esses detalhes apresentados, Amaro mostra a constituição física do homem, a aparência séria própria do sexo masculino. Ela revela sua coragem e atitude de homem quando intercede a favor de alguém e, por fim, mostra não se incomodar com o castigo que recebera – foram cento e cinquenta chibatadas – e ele não sentia, porque tinha a resistência própria do sexo forte. Mas, diante de Aleixo ele se transformava na mais submissa criatura no desejo de conquista.

Assim, Amaro “agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres”²⁴. Bom-Crioulo não tinha consciência de sua identidade sexual, “nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade”²⁵. Agora estava terrivelmente obcecado de desejo por outro homem e não conseguia resistir a essa tentação; alguma coisa dentro de si revelava sua opção: “revoltava-se contra semelhante imoralidade que os outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés...”²⁶. Apesar dessa sua preocupação o desejo vence: “afinal de contas era homem, tinha suas necessidades, como qualquer outro”²⁷.

Nesta situação particular continuou, simbolicamente, em sua masculinidade, porém sua excitação só se verificava numa relação de prazer e não para fins de procriação. Deste modo, Amaro revela uma culpa inculcada por sua relação em face aos preceitos da Igreja e da sociedade, ato que até ele próprio considerava “imoralidade”, um pecado diante de Deus. Amaro seria um maníaco pela prática da “sodomia ativa”? Ele carregava consigo um distúrbio afetivo pela ausência materna/ paterna e não conseguia a ereção diante de mulheres? Apesar desse “desajuste sexual” ele revela características predominantes masculinas.

²³ CAMINHA, s. d., p. 17.

²⁴ Id., *ibid.*, p. 37.

²⁵ *Ibid.*, p. 37.

²⁶ *Ibid.*, p. 27.

²⁷ *Ibid.*, p. 37.

Por outro lado, Aleixo apresenta características de um ser feminino. Era franzino, um belo marinheiro de olhos azuis e um modelo de “efebo”, que na antiguidade grega se transformaria em versos e numa “escultura sensual e pujante”²⁸. Porém, com o desenvolvimento prematuro de “certos órgãos” e com a aquisição de massa corpórea tornou-se um ser masculino. Teve sua primeira experiência com o sexo oposto e transformou-se pelo ato sexual. Assim, na condição de adolescente, “bisonho em aventura dessa ordem e cuja virilidade apenas começava destoucar-se”, envolveu-se sexualmente com D. Carolina e ambos se achavam “cheios de desejo, ávidos de gozo”²⁹.

Assim, enquanto se submetia ao Amaro, era meigo, educado, paciente, “efeminado”, mas ao permanecer na relação com a portuguesa tornou-se mais agressivo e dominante. Assim, ia adquirindo representações características da masculinidade: força, vontade de posse, dominador.

Da mesma forma ocorre em nossa sociedade, onde:

A moralização do sexo (depois que este recebe a purgação ou purificação de estilo religioso) é feita preferencialmente pela família e pelo trabalho – a escola e o Estado oferecendo recursos formais e legais para o que se realiza nas outras duas instituições³⁰.

Observa-se que em nossa cultura a educação do menino é para a masculinidade, por isso frequenta determinados cursos, mantém um comportamento compatível com a condição de virilidade e deve, na escola, desenvolver habilidades esportivas em modalidades que exijam resistência e vigor físico. Para o homem, a masculinidade é imposta pela família e pelos amigos, e a escola reforça essa imposição.

Em oposição a isso, a educação da menina é para a feminilidade: nada de esportes rústicos ou violentos, nada de “brincadeiras de homem”. E o que é brincadeira para homem ou para mulher? Num contexto múltiplo em que se deve promover a interação, a solidariedade, o espírito de grupo e o trabalho conjunto, fica

²⁸ CAMINHA, s. d., p. 46.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 70.

³⁰ CHAUI., 1985, p. 124.

demasiadamente complicada essa separação e até mesmo como realizar essa seleção de atividades.

Da mesma forma, “a divisão social do trabalho” também tem levado em consideração a sexualidade do indivíduo. Trabalho pesado é para aquele que tem força física, musculatura desenvolvida – para o homem. Trabalho delicado é para quem tem delicadeza nas mãos – a mulher. Assim, uma série de cargos é especificamente para um ou outro sexo, conforme a necessidade de uso da força.

A respeito dessa divisão de trabalho entre atribuição masculina e feminina, em *Bom-Crioulo* as tarefas destinadas a Amaro são para homens, portanto exigiam força e resistência, enquanto que as tarefas de Aleixo exigiam menos robustez. Caminha assim descreve as ações de ambos:

[Amaro] Os grandes pesos era ele quem levantava, para tudo aí vinha Bom-Crioulo com seu pulso de ferro, com a sua força de oitenta quilos, mostrar como se alava um braço grande, como se abafava uma vela em temporal, como se trabalhava com gosto ³¹;

[Aleixo] Seu trabalho a bordo consistia em colher cabos e arear os metais, quando não se ocupava na ronda pela noite ³²;

[Aleixo] Felizmente o imediato escolhera-o para o serviço de cabo-marinho, em atenção à sua conduta, reconhecendo nele um rapazinho de bons costumes, amigo do asseio, obediente e trabalhador ³³.

Assim, verifica-se em Aleixo o cuidado em não exigir mais do que ele podia, em recompensá-lo pela limpeza. O grumetezinho era “frágil”, preocupado com a organização do ambiente. Não há dúvida de que esses traços são característicos do universo simbólico feminino. Enquanto isso, o outro trabalhava como uma fera; “dava duro”; não tinha “moleza”, pois, afinal de contas, era atribuição masculina e ele era o homem mais capaz de realizar essas tarefas. E Amaro se vangloriava disso, afinal, era temido e respeitado por tudo isso.

Estes mesmos signos representados por Amaro têm significado na representação masculina. Pessoas do sexo masculino que apresentam esses sinais serão rotuladas como “normais”. Com esses traços o homem é tratado como macho. Em caso contrário, há de se reconhecer que a sociedade elabora procedimentos de

³¹ CAMINHA, s. d., p. 22.

³² Id., *ibid.*, p. 24.

³³ *Ibid.*, p. 45.

segregação visível e de integração invisível, fazendo com que o indivíduo se sinta discriminado.

Essa exclusão, esse tratamento discriminatório ainda persiste. Na obra *Bom-Crioulo*, há evidência de casos desta natureza. Como exemplo, pode-se citar o comandante da Corveta e o imediato, os quais são símbolos de masculinidade, porém são caracterizados, sexualmente, pelo ponto de vista da dúvida, da insinuação do narrador e da interpretação do leitor. Como símbolo da autoridade militar há masculinidade, mas ambos revelam suas identidades como duvidosas (o narrador deixa pistas de que eles também têm preferências homossexuais, mas o poder que detêm impede essa revelação). Portanto, não assumem a identidade que o narrador sugere.

Porém, com Amaro e Aleixo, os quais não têm necessidade de demonstrar representação de autoridade e imponência em suas atitudes militares, são caracterizados diretamente e categoricamente em suas opções sexuais, sem meias palavras ou insinuações, e cada um traz em si próprio a manifestação de masculino e feminino. O negro é forte, *ativo*, dominador, representa o sexo forte; o grumete, pela ausência de barba, pela brancura pálida da pele – ao estilo *alencariano* -, frágil, dominado, marca os traços da feminilidade.

Na relação entre Amaro e Aleixo, o rapaz é visto como objeto, mas não devia identificar-se totalmente como tal. Assim, segundo Foucault, na relação homossexual “entre o homem e o rapaz não há – não pode e não deve haver - comunidade de prazer”³⁴. Havendo comunidade de prazer, o rapaz é severamente condenado. Nessa situação, o rapaz “aceita”, “concede seus favores” e apenas simula uma “rendição”. Foi o que aconteceu com Aleixo diante dos “favores” de Amaro.

Em sua fragilidade, o grumete permite a imposição do desejo do outro, pois como objeto de prazer não resiste às investidas do incontrolável desejo que dá a Amaro o status de masculinidade. Mesmo como parceiro, o efebo atende à demanda do outro mas seu prazer não tem a mesma natureza, pois não compartilha da mesma sensação. Assim, na permanência da relação vai se aborrecendo. Cada

³⁴ FOUCAULT, 1998, p. 197.

um dos amigos tem condutas e sensações particulares: um tem a realização do prazer carnal, o outro, o bem-estar da vaidade e da aprendizagem sexual.

Desta forma, as características de masculinidade e de feminilidade demonstradas têm influência decisiva na determinação do poder. A masculinidade é necessária à virilidade, que é um dado comum para o homem, além de atributos sociais, como “responsabilidade, autoridade, austeridade”³⁵. Além disso, ele será o “provedor da casa” e seu espaço é o público: “o mercado e a política”³⁶.

Por outro lado, a mulher é tida como o sexo frágil, delicada e tem o dom da maternidade – deve, por isso, ser a mãe, enquanto o homem o pai. A mulher é sensível e sensual, por isso provocaria e estimularia sexualmente o sexo oposto, por isso seu espaço é a casa.

O homem para provar sua masculinidade deve seduzir, buscar sua satisfação do prazer sexual sem restrição. Já a mulher deve ser recatada, prudente, reservada e conter-se na manifestação do desejo sexual. Sexo para ela só depois do casamento.

Na relação com Amaro, Aleixo mostrava-se submisso aos desejos do outro, muito embora em determinado momento tivesse a vontade de evitar o amigo. Observemos o seguinte recorte da narrativa:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher-à-toa” propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo...

Aleixo amuou: aquilo não era coisa que se pedisse a um homem! Tudo menos *aquilo*. Mas o negro insistiu: Ninguém o levava a capricho: - Ou bem que somos ou bem que não somos... – Que asneira! fez o grumete³⁷.

Assim, na condição de homem, Amaro podia satisfazer todos os seus desejos, a qualquer hora, pois o que se sobrepõe na relação são seus desejos. Por outro lado, Aleixo, na condição feminina da relação, devia aceitar toda e qualquer

³⁵ CHAUI, 1985, p. 135.

³⁶ Id., *ibid.*, loc. cit.

³⁷ CAMINHA, s. d., p. 45.

vontade do outro; deveria submeter-se com passividade aos desejos e “caprichos libertinos” do parceiro.

Desta forma, verifica-se que a condição de masculinidade e de feminilidade está também no comportamento do indivíduo, independentemente da determinação biológica.

De outra forma, para Foucault, “os prazeres não diferem entre si”, muito embora não haja comunidade de prazer. Para o pensador:

Caracteriza-se em geral o prazer sexual como sendo, não portador de males, mas ontologicamente ou qualitativamente inferior: porque comum aos animais e aos homens [...]; porque misturados à privação e ao sofrimento [...]; porque dependente do corpo e de suas necessidades, e porque destinado a reestabelecer o organismo em seu estado anterior à necessidade³⁸.

Na relação estabelecida entre os protagonistas da narrativa, o prazer total era de Amaro. Com Aleixo pode ter aquilo que não encontrara nas mulheres e se sentia plenamente satisfeito. Por outro lado, o grumete apenas se submetia passivamente aos caprichos do outro, embora durante meses tivesse vivido uma vida calma e feliz, pois “não tinha do que se queixar: andava sempre limpo, ninguém o via deitado no convés, ou emporcalhando de alcatrão à proa”³⁹. Aleixo, na condição do ser “frágil” permitia que o outro satisfizesse todos os seus desejos e capricho. Embora apresentasse resistência, esta era aparente e não sobrepujava qualquer vontade de Amaro. Há claramente estabelecida entre os parceiros uma relação de poder e domínio da representação da virilidade.

Assim, com base nos relatos da narrativa e nessas reflexões de Foucault e a de que “o ato sexual [...] é uma prática que demanda reflexão e prudência”⁴⁰, podemos afirmar que a sexualidade é um campo de elaboração, compreensão e estabilização de condutas, que podem ser exploradas com fins diversos, assim como em prol de interesses de uma classe social, normalmente daquela que detém poder.

³⁸ CAMINHA, s. d., p. 47.

³⁹ Id., *ibid.*, p. 45.

⁴⁰ FOUCAULT, 1998, p. 106.

2 O NATURALISMO E A SEXUALIDADE

DO PRANTO

“Não tentes consolar o desgraçado
Que chora amargamente a sorte má.
Se o tirares por fim do seu estado,
Que outra consolação lhe restará?”
(Mário Quintana).

O século XIX foi significativamente marcado por transformações de ordem política, econômica, social, filosófica e científica. Todas essas mudanças determinaram novos rumos à sociedade. Essas novas correntes de pensamento é que conduzem a sociedade para o espírito de modernidade. No âmbito do sistema econômico, o capitalismo industrial, que vinha em franco crescimento a partir das Revoluções Francesa e Industrial, ganha corpo, criando uma nova elite social, liderada pela burguesia, assim como determina uma nova estrutura social – a capitalista.

O Naturalismo é o estilo literário que predomina na segunda metade do século XIX. Surge, assim, como consequência dos diversos movimentos científicos que surgiram na Europa na primeira metade do século e que determinaram significativas mudanças no pensamento humano. O Naturalismo, como estilo literário, não pode ser considerado uma facção do Realismo, mas sim esta tendência levada a extremos.

Desta forma, a corrente naturalista apresenta uma teoria peculiar, de cunho científico, que procura mostrar uma visão materializada do homem e da sociedade. É considerado seu fundador Émile Zola, que sustenta a tese de que o desenvolvimento das personagens e do enredo das narrativas deve ter caráter de cunho científico, à semelhança das experiências de laboratório. Para Zola deve haver uma descrição objetiva e detalhada da realidade, isenta de subjetividade.

No Brasil, o Naturalismo tem registro modesto, porém muito significativo, onde aparecem autores como Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Júlio Ribeiro e Inglês de Sousa, dentre outros. Didaticamente, tem como marcos limítrofes *O Mulato*

(1881), de Aluísio Azevedo e *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, obras que trazem relatos e descrições de cunho científico do elemento humano, sujeito às leis da natureza e determinado pela influência do meio. Nestas obras, os autores mostram uma “arte como expressão da verdade”, característica peculiar do Naturalismo. O enredo e as personagens dessas produções são descritos com muita lentidão, devido à riqueza descritiva empenhada pelos autores. Assim, tanto o enredo como as personagens representam situações contemporâneas à sociedade brasileira na época.

Em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, podemos verificar inúmeras características dessa tendência literária. Tanto Amaro e Aleixo, bem como outras personagens masculinas, especialmente quando embarcadas, agem muito mais em função de um determinismo biológico do que pela própria razão. Amaro tem consciência de que o desejo sentido por Aleixo é algo que a sua natureza desconhece. Essa situação, sob o ponto de sua religiosidade, é um “vício”, mesmo assim, permite que essa “anormalidade” se concretize por um determinismo “natural”. Aleixo, em sua imaturidade e inexperiência, aceita a relação também com “naturalidade”, do mesmo modo que vai aceitar as investidas fálicas de D. Carolina.

Com isso, o grumete sofre, naturalmente, um processo de transformação em sua identidade sexual, passando a aceitar e identificar-se com a relação heterossexual, tendo, inclusive, expressado arrependimento ao lembrar-se de sua submissão à homossexualidade com Bom-Crioulo. Assim, não há dúvida de que os elementos humanos presentes em *Bom-Crioulo* estão sujeitos às leis da natureza e são determinados pelo meio.

Fica patente que no navio, ambiente de contato permanente entre os marinheiros, e da abstinência a que são submetidos, pela longa permanência em alto-mar, bem como pelo registro da grande ociosidade quando a embarcação está ancorada e esses marinheiros ficam sem licença para desembarcarem, favorece a relação homossexual, como um determinismo social e/ou biológico, da forma que ocorre entre os protagonistas. Esse determinismo é tão evidente, que inúmeros oficiais apresentam indícios de que possuem uma sexualidade reprimida pelos órgãos de controle do ato sexual (a instituição militar, a justiça e a religião). Enfim, o tema central da narrativa, o homossexualismo, é um assunto coetâneo à época em

que foi escrita a obra, época em que a sexualidade humana está presente nos diferentes do discurso de contestação, dos quais a burguesia se apropria relacionando-os às causas políticas, econômicas e sociais.

2.1 HISTÓRICO

O registro de toda Escola Literária é marcado pela convivência simultânea de tendências antagônicas, as quais, encontrando ambiente favorável, uma conquista espaço, enquanto a outra perde, até que a corrente em ascensão se sobreponha à corrente então predominante, já em decadência. O Romantismo que predominou a panorama literário desde o final do século XVIII, a partir de efervescências dos movimentos sociais, científicos e filosóficos da primeira metade do século XIX, torna-se um estilo em crise. Nesta situação de franca decadência, outro movimento ganha força e se instala: é o Realismo.

Assim, as características paralelas ao Romantismo ganham força e despontam, em detrimento de outras, como oposição às idéias de um pensamento em desgaste, principalmente pelo extremismo de seus seguidores. Destarte, o contexto histórico, político, social e cultural em torno do estilo literário ascendente fazem com que o estilo decadente sofra novas pressões.

Desta forma, estava livre o caminho para o pensamento realista, sob influência das novas correntes sociais, filosóficas e científicas. Além da Psicologia, influenciam a nova tendência literária, o Marxismo, o Positivismo, o Evolucionismo e o Determinismo. Essas correntes já vinham interferindo no pensamento e nas ações dos artistas e intelectuais em diversas áreas culturais. Nesta situação é visível o predomínio dos ideais que dão força ao Realismo e ao Naturalismo, que vão dominar o pensamento artístico-literário na segunda metade do século XIX.

Na elevação estilística ao estilo conhecido como Realismo, verifica-se que o novo pensamento artístico-cultural não é exclusivo para o campo da literatura, ele também vai ser vanguarda em outros ramos da cultura. Assim, segundo Moisés, “as origens mais próximas do ideário realista devem ser procuradas, [também], nas artes

plásticas, que [...] em meados do século XIX, [...] não poucos homens de letras francesas [...], manejavam com habilidade o pincel ou o lápis”⁴¹.

Foi assim que, em diversas exposições das artes plásticas, houve manifestações e cartazes anti-românticos. Esses artistas se opõem ao princípio da “arte pela arte” e afirmam que seus objetivos consistiam em “traduzir os costumes, as idéias, o aspecto de [sua] época segundo [sua] apreciação, em suma, fazer arte viva”⁴². Há também manifestações públicas em favor do Realismo, cujo princípio é a negação do ideal (princípio perenizado pelo Romantismo).

Com essas manifestações está aberto o caminho para que o Realismo também marque espaço na Literatura. Assim, o ano de 1857, “além de presenciar o auge da fase polêmica em favor das idéias realistas, marca o aparecimento de [...] *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, que inaugura, com a sua impiedosa crítica à hipocrisia burguesa, o romance realista”⁴³. Além disso, surge uma nova forma de enunciar o Realismo; um modo extremado é introduzido dez anos mais tarde do anúncio da obra mencionada: “Zola introduzia o romance naturalista com *Tèreze Raquin*, [...] levando ao grau mais alto as propostas realistas no campo literário”⁴⁴.

Desta forma, o Realismo valoriza o distanciamento do ponto de vista subjetivo, norma proposta por seus idealizadores, propõe uma “atitude de aceitação da existência tal qual ela se dá aos sentidos”⁴⁵ e desdobra-se em outros campos. No ideológico, tem o determinismo (de raça, de meio, etc.); no estético, “em que o próprio ato de escrever é o reconhecimento implícito de uma faixa de liberdade, resta ao escritor a religião da forma, ‘a arte pela arte’, que daria afinal um sentido e um valor à sua existência cerceada por todos os lados”⁴⁶. Assim, o estilo realista tem “a vontade de criar um objeto novo, imperecível, imune às pressões e aos atritos que desfazem o tecido da história humana, originam-se e nutrem-se do mesmo fundo radicalmente pessimista que subjaz à ideologia do determinismo”⁴⁷.

⁴¹ MOISÉS, 2001., p. 12.

⁴² Id., op. cit., loc. cit.

⁴³ Ibid., loc. cit.

⁴⁴ Ibid., loc. cit.

⁴⁵ BOSI, Alfredo. “Plural, mas não caótico”, in: **Cultura Brasileira: Terra e situações**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1972, pp. 107-108.

⁴⁶ Id., ibid., p. 168.

⁴⁷ Ibid., loc. cit.

Sendo assim, o Realismo extrapola todos os limites que o caracterizam como estilo literário e se amálgama no Naturalismo, no romance e no conto, construindo personagens e enredos que se submetem ao destino das “leis naturais” que a ciência então julgava ter sistematizado.

Outro fator de crise foi, segundo D’Onofrio ⁴⁸, o episódio das sangrentas Revoluções de 1848, que empurrou a sociedade burguesa para um acentuado estado de crise, pois esta sociedade assentara bases sobre o egoísmo, o individualismo e a exploração do proletariado, como é o caso tratado no enredo de *Germinal* (1885), de Emile Zola. Essa evidência de crise vai determinar o surgimento de um novo conceito de sociedade, na qual os interesses e os anseios individuais são substituídos pelos ideais de progresso da coletividade, com suporte nas bases teóricas do Positivismo de Augusto Comte.

Verifica-se, assim, que a crítica sobre a ideologia burguesa é também uma crítica sobre os modelos centrados no indivíduo. Isso significa dizer que o culto aos ideais de grupo (ou seja, a “sociolatria”, proposta por Comte) prepondera aos interesses menores (ou seja, os individuais). Verifica-se, assim, a existência de uma nova corrente filosófica, o “marxismo”, que vai se articular nas bases do complexo cultural do século XIX, período de franca ascensão e, depois, de predomínio do Realismo e Naturalismo no âmbito do pensamento literário.

Desta forma:

O complexo cultural da segunda metade do século XIX é dominado pelo materialismo, nas variadas formas. Positivismo, Determinismo, Evolucionismo, Cientificismo, Liberalismo, Ambientalismo, Progressismo, Contra-Espiritualismo, Anticlericalismo, Sociologia, Ateísmo ⁴⁹.

Essas correntes vão exercer papel fundamental na constituição do pensamento artístico-literário e, em particular, sobre as obras dos autores que representam os estilos predominantes na segunda metade do século XIX na literatura, ou seja, o Realismo e o Naturalismo. É nesse complexo de tantas influências que se encontra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

⁴⁸ D’ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: Autores e obras fundamentais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

⁴⁹ Id., ibid, p. 377.

2.2 CARACTERÍSTICAS

Para D'Onofrio ⁵⁰, a forma estética e o conteúdo ideológico do Realismo apresentam algumas características específicas que o definem como movimento estético-literário, as quais foram levadas às extremas consequências pelo Naturalismo. Uma dessas características é o “compromisso com a verdade”, princípio que o Realismo representa ao mais elevado grau de verossimilhança na seleção e no arranjo estético da ficção, retomando a concepção “mimética” da arte clássica, porém sem a idealização e o seu “caráter universalizante”. Na Itália o termo correspondente é “Verismo”, que significa “a arte como expressão da verdade”.

Assim, a estética realista, visando o particular, retrata o que é, o verossímil, e não o que gostaria que fosse – o ideal. Já o Naturalismo, em sua concepção mais exagerada, se ocupa de casos patológicos, de anormalidades. Em seu estilo concreto, o Realismo repudia o fantástico, o extraordinário e o sobrenatural, e por isso é a corrente literária que despreza e critica os princípios estéticos românticos.

Historicamente, após as crises provocadas pelas revoluções, nota-se acentuada crise nas classes monárquico-burguesa-clerical; em consequência, a sociedade está em decadência, por isso, “os realistas escolhiam casos patológicos, não por considerá-los excepcionais, mas porque os julgavam indícios das mazelas que corroíam a sociedade” ⁵¹. Com esse procedimento os autores realistas demonstram claramente a intenção de eliminar os excessos do romantismo subjetivista, que quase sempre se caracterizava como o sobrenatural. Por outro lado, o naturalista, se ocupa prioritariamente com o patológico, que se torna regra, “pois a tese preconizada não admitia que o corpo social pudesse ter órgãos saudáveis” ⁵².

Então, em *Bom-Crioulo*, o narrador assume a postura naturalista que se propõe construir o enredo relacionado ao homossexualismo. Na relação

⁵⁰ D'ONÓFRIO, 1997, pp. 383-384.

⁵¹ MOISÉS, 2001, p. 17.

⁵² Id., *ibid.*, loc. cit.

“desajustada” entre Amaro e Aleixo está materializada essa característica naturalista. Assim, Amaro ao conhecer Aleixo, pode perceber que seus desejos e prazer sexuais estavam relacionados à pessoa do mesmo sexo. De início, seu *superego* cria-lhe uma confusão, mas permite essa situação por um determinismo de sua natureza sexual – não tinha desempenho sexual com mulheres, mas é o mais insaciável nas fantasias e desejos na relação homossexual.

Outra característica realista é a preocupação com “o aqui e o agora” (*hic et nunc*), ou seja, a contemporaneidade, o fato da atualidade, em oposição às estéticas clássicas e românticas, que valorizavam o passado e os espaços ideais. Por essa razão, os espaços da narrativa realista, sobretudo no Naturalismo, valorizam os locais populares, tais como: as minas, as fábricas, os cortiços, as cidades, a política, os negócios, as relações conjugais e situações relacionadas ao cotidiano da vida moderna. Por isso, os protagonistas costumam ser o “homem comum, vítima de taras hereditárias ou de condições ambientais desfavoráveis, e não o herói de origem nobre ou divina”⁵³.

Nesta característica observa-se o que Foucault trata na sua história da sexualidade. Ela tem origem nos discursos dos movimentos sociais surgidos a partir do século XIX. Sendo assim, o assunto escolhido por Adolfo Caminha tem a ver com as efervescências das manifestações da época, tanto pelo tema como pelo espaço construído no enredo da narrativa. São desse século as reivindicações sobre as condições desumanas pelas quais eram expostos os trabalhadores, nas mais diversas atividades produtoras.

Assim, o navio, num ambiente militar, é onde os marinheiros são submetidos à condição de exploração pela sua categoria funcional e expostos aos determinismos “naturais”.

Os protagonistas, como trabalhadores comuns, estão condicionados a um regime disciplinar rígido e à condição de trabalho onde a hierarquia é símbolo de poder absoluto, onde ao superior tudo é velado, sem provas concretas e ao subordinado é aplicado o rigor da lei, sem exceções, inclusive com a imponência do uso da chibata – comparando-se ao castigo aplicado ao escravo. Da mesma forma, o ambiente é um

⁵³ MOISÉS, 2001, p. 383.

local popular, do qual poderia estar vinculado qualquer jovem brasileiro que tivesse a idade para a prestação do serviço militar inicial obrigatório. Trata-se de denúncia das condições vividas numa embarcação em alto-mar ou ancorada à beira-mar.

A descrição minuciosa de caracteres é também marca que caracteriza o Realismo. Assim, em oposição à linha aristotélica que sempre sobrevalorizou a estrutura do enredo, a estética realista enfatiza os fatores ambientais e hereditários na construção da personalidade humana, privilegiando o retrato caricaturizado das personagens. Desta forma, contrariando a colocação de Aristóteles sobre a fábula, que privilegia a estrutura do enredo, o realista considera que “as ações são meras decorrências dos fatores temperamentais e de circunstâncias ambientais”⁵⁴, que são fatores que marcam a tendência literária da segunda metade do século XIX.

Em *Bom-Crioulo*, particularmente, as ações e o comportamento de Amaro estão determinados, não pela razão, mas pelas situações às quais estão expostas, pela raça negra, quer pelo ambiente, quer pelo isolamento social, quer pelo relacionamento limitado. No início, o negro não tinha consciência de sua exploração, por isso, na condição de ex-escravo e homem forte, era ele que se encarregava dos “grandes pesos”, era ele quem mais trabalhava, e por isso era reconhecido. Porém, os demais, eram considerados não pelo trabalho que executavam, mas sim pela maneira como realizavam suas tarefas: somente sob os olhares do imediato.

Longe das vistas dos chefes eram verdadeiros “farristas” e viviam na “orgia” a bordo. Enquanto isso, Amaro era quem executava as tarefas mais regulares e necessárias. Estava determinado e por isso tinha uma consideração especial dos superiores: era o bom-crioulo. Isso, a princípio, impunha-lhe maior responsabilidade, porém a tomada de consciência fez com que se revoltasse e deixasse de executar as suas tarefas com presteza.

Mesmo sendo bom, Amaro tinha um “vício”, uma necessidade biológico-social: ingeria “um trago” e isso lhe impunha um transtorno comportamental: tornava-se uma fera irreconhecível, portanto um contumaz transgressor das normas estabelecidas, por isso necessitava de correção, e esta só era possível pela chibata, que ele aceitava como a verdadeira forma de correção à sua atitude moral. Afinal de

⁵⁴ D'ONOFRIO, 1997, p. 384.

contas, a chibata fora feita para homem e Bom-Crioulo o era e se sujeitaria ao castigo sem um gemido sequer. Era direito o castigo sofrido e dever seu sujeitar-se às normas. Assim, Amaro “apanhava até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem”⁵⁵.

A escola realista se preocupa exageradamente com o detalhe e a lentidão nas descrições. O estilo tem a descrição pormenorizada como técnica específica para retratar com fidelidade a realidade.

Por outro lado, a lentidão descritiva tem por objetivo “descobrir as causas psíquicas e circunstanciais que determinam certas ações ou para alcançar os meandros dos conflitos existenciais”⁵⁶. Assim procedendo, o escritor pode analisar cuidadosamente elementos espaciais e temporais, visto que esses elementos são fundamentais na determinação comportamental de personagens.

No capítulo IX é registrado pelo narrador a expressão do sentimento de abandono pelo qual o negro passa em seu internato hospitalar. É uma descrição detalhando toda situação de desprezo sofrida por Bom-Crioulo. O capítulo inicia assim:

Vida triste era a de Bom-Crioulo, agora, no hospital, longe da Rua da Misericórdia e o seu único afeto, obrigado a um regimem conventual, alimentando-se parcamente, ouvindo a toda hora gemidos que lhe entravam na alma como uma salmodia agourenta, como a dorida expressão de seu próprio abandono, metido entre as paredes de uma lúgubre enfermaria – ele que amava a liberdade com um entusiasmo selvagem, e cujo ideal era viver sempre na companhia de Aleixo, do ingrato Aleixo...⁵⁷

Percebe-se, no trecho, uma evidente ligação do estado de abandono de Amaro com a situação daqueles que também estão no hospital. Isso tende a demonstrar sua tristeza, que ainda é agravada pela pouca alimentação e pela presença incômoda de gemidos de dor que rondam o ambiente hospitalar. É uma forma que o narrador naturalista emprega para revelar o comportamento da personagem.

Mais adiante no capítulo, Amaro pede a um enfermeiro que lhe escreva um bilhete para que ele mande para Aleixo. Depois de escrito o recado, vem a impaciência do negro, que contagia a expectativa do leitor. Vejamos:

⁵⁵ CAMINHA, s.d., p. 24.

⁵⁶ D'ONOFRIO, 1997, p. 384.

⁵⁷ CAMINHA, op. cit., p. 73.

Somente isto. – Queria ver agora como se portava o “senhor Aleixo”, se ainda o estimava, se era o mesmo da corveta, o mesmo da Rua da Misericórdia, meigo e dócil, carinhoso e reconhecido. No dia seguinte, pela manhã cedo, o primeiro escaler que largou da ilha para a terra conduzia o bilhetezinho cautelosamente fechado, escrito numa garatuja desigual, tortuosa, indecifrável, que o empregado traçara ao crepúsculo, defronte do mar e à pressa.⁵⁸

Novamente nota-se como é adiada a tentativa de desfecho do assunto; há, nitidamente a preocupação de mostrar detalhes com o objetivo de causar morosidade na descrição da cena. Isso demonstra a intenção do narrador em revelar um Amaro cada vez mais emocionalmente abatido e revoltado.

Ao encerrar o capítulo temos:

E outros e outros sonhos... Se continuasse ali, naquele presídio, acabava maluco, era capaz de morrer doido. – Oh! sim, queria fugir, não tolerava mais aquilo. [...]
E todos os dias a mesma coisa, o mesmo penar, a mesma série de idéias vagas, incompletas, as mesmas oscilações, as mesmas dúvidas. Uma noite ia sendo preso, quando tentava escalar o muro do hospital...⁵⁹

Nesse desfecho do capítulo e da situação da personagem, o narrador induz o leitor a se compadecer da situação angustiante de Amaro, bem como permite que se imagine a cena do sofrimento do negro diante da situação de internado num hospital que não estava servindo para curar os seus males, mas ainda contribuía para agravar sua saúde. Amaro era forte fora do mar, a bordo do navio, mas preso no leito do hospital era um ser em degradação.

Da mesma forma, no capítulo XI, o narrador retorna a mostrar a situação de Amaro no hospital e aprofunda na descrição do sofrimento da personagem:

Então é que tinha raiva de Aleixo, então é que se revoltava contra o grumete, o “causador de todos os seus males”. Naquele estado aflitivo de desespero de corpo e d’alma ia-se-lhe a razão – Bom-Crioulo só tinha uma idéia: vingar-se do efebo, persegui-lo até a morte, aniquilá-lo para sempre”⁶⁰.

Assim, da forma como ocorre o desfecho, o narrador faz-nos crer que a morte de Aleixo é inevitável e necessária, pois só a isso se compara a dor de Amaro.

⁵⁸ CAMINHA, s.d., p. 76.

⁵⁹ Id., op. cit., p. 79.

⁶⁰ Ibid., p. 87.

A ausência de razão é a causa determinante do acontecimento fatal. Ainda tem “um misto de ódio, de amor e de ciúme”⁶¹, que leva-nos a crer que a vingança é uma forma de “lavar a honra” de Amaro.

Verifica-se, nesta situação criada na narrativa, uma influência do determinismo, corrente desenvolvida por Hipólito A. Taine (1828 – 1893), que, segundo Oliveira⁶², aplicando o método experimental das Ciências Naturais no espírito do ser humano, constatou que o comportamento humano era condicionado pelas influências de raça, de contexto histórico e de meio ambiente. Assim, o destino traçado para Amaro é uma determinação pela sua negritude e as condições de vida às quais foi exposto no hospital, bem como fora dele.

Ainda neste capítulo, Amaro toma conhecimento, através de Herculano, o *Pinga*, que Aleixo tem outra pessoa com a qual se relaciona. Ao descrever o informante querendo dar a notícia, Caminha retorna ao início da narrativa, retardando a notícia e isso faz com que o interlocutor da narrativa penetre nela para pressionar a antecipação do desfecho da notícia ao ponto que importa: o estado em que Aleixo se encontra sem a companhia de Amaro.

Assim, todos esses aspectos caracterizam o modo como os narradores naturalistas constroem seus enredos.

Desta forma, tratando com particularidade as características naturalistas, verifica-se que o Naturalismo também predominou ao final do século XIX, não podendo ser considerada uma facção do Realismo. A escola procura transmitir uma visão materialista do homem, da sociedade e do mundo. Nessa visão materialista, tudo o que é focalizado pela corrente tem uma justificativa concreta; a espiritualidade do homem expressa na sociedade e no mundo não tem interferência nas realizações sociais.

Assim, a literatura naturalista sustenta a tese de que a arte deve conformar-se, ou sujeitar-se à natureza cósmica e humana, valendo-se exclusivamente dos “métodos científicos de observação e de experimentação no tratamento das ações fictícias e das personagens”⁶³.

⁶¹ CAMINHA, s.d., p. 87.

⁶² OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte Literária Brasileira**. São Paulo: Moderna, 2000, p. 168.

⁶³ D'ONOFRIO, 1997, p. 381.

2.3 ADOLFO CAMINHA E *BOM-CRIOULO*

Bom-Crioulo é a obra que firmou a reputação de Adolfo Caminha na história literária naturalista brasileira. Segundo Coutinho, ele “deixa neste novo romance o melhor testemunho de sua grande vocação de romancista”⁶⁴. Nela, a revolta da província cearense testemunhada pela publicação de *A Normalista* (1892) é substituída “por uma audácia mais firme e ampla, que não mais se restringe aos estreitos horizontes da cidade pequena”⁶⁵. Em *Bom-Crioulo* o narrador aborda, corajosamente, a questão do homossexualismo nas fileiras da Marinha do Brasil e do negro como protagonista de um enredo literário.

Não há elementos que nos permitam afirmar que a obra é um revanchismo revelado contra a instituição da qual foi excluído, pois sua vida era marcada pela insatisfação: era contra o castigo pela chibata, bem como a exploração do homem pelo homem. Tudo isso ele havia observado com destaque durante sua primeira viagem de instrução por diversos portos brasileiros e das Antilhas, até os Estados Unidos.

Adolfo Ferreira Caminha nasceu em Aracati-CE, no dia 29 de maio de 1867; filho de Raimundo Ferreira dos Santos Caminha e Maria Firmina. Esta falece em 1878, de febre perniciosa e, ele, precisando estudar foi morar com parentes em Fortaleza, onde ficou até os treze anos, quando foi para o Rio de Janeiro, para completar a educação com o tio Álvaro Tavares da Silva – irmão de sua falecida mãe.

Seu tio, em comum acordo com o pai de Adolfo, resolve mandar o garoto franzino para a escola militar, que lhe garantiria, segundo a jornalista e pesquisadora da vida do narrador, Cláudia Albuquerque, “uma carreira honrada e segura, com a vantagem extra de não sobrecarregar a família com despesas espetaculares”⁶⁶. Assim, oferecia-se ao menino um futuro, embora distante do bacharelado, mas plenamente digno, “como convém a um Caminha”⁶⁷. Foi desta forma que Adolfo Caminha ingressou na Marinha de Guerra, em 1883.

⁶⁴ COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 4ª ed. Vol. 4. São Paulo: Global, 1997; p. 87.

⁶⁵ Id., op. cit., loc. cit.

⁶⁶ ALBUQUERQUE, Cláudia. **Adolfo Caminha**. 2ª ed. Fortaleza – CE: Demócrito Rocha, 2009; p. 31.

⁶⁷ Id., op. cit., loc. cit.

Ao ser declarado guarda-marinha, no dia 19 de fevereiro de 1886, embarca no cruzador Almirante Barroso em sua primeira viagem de instrução. “Tinha então dezenove anos, um coração algo romântico e idéias demais na cabeça. Foram dez meses ávidos no mar, deslocando-se de porto em porto, começando pelas Antilhas até chegar aos EUA”⁶⁸.

Chegou ao posto de segundo-tenente. Em 1888, transferindo-se para Fortaleza, onde o clima lhe era mais favorável a seu estado de saúde, raptou a esposa de um companheiro de farda, sendo mandado de volta ao Rio de Janeiro, e forçado a embarcar em outro cruzador, em consequência do que fizera. Porém, como se recusou a cumprir tal ordem, resolveu demitir-se e voltar para o Ceará e para a mulher que escolhera para sua vida.

Caminha, desde cedo, esteve em contato com as leituras dos maiores clássicos da literatura em seu tempo. Também se envolveu na agremiação literária da Escola Naval, em diversas situações, demonstrando capacidade ímpar de escrever e falar, pois, desde tenra idade, já escrevia poemas, destacando-se entre os demais companheiros. Era um grande observador da realidade de sua terra e do ambiente que frequentava. Foi assim que “desde cedo, a literatura fora a paixão maior de Adolfo, a roda do seu destino”⁶⁹. Como porta-voz da Fênix Literária, agremiação da Escola, aos dezoito anos de idade, dirigiu-se ao imperador dom Pedro II; “dizem que excelente orador”⁷⁰.

Assim, desde cedo demonstrou estar muito mais interessado em relacionar-se com a arte literária do que propriamente com a carreira militar. Já em seu primeiro discurso ao imperador, dirigiu-se reportando sobre a Abolição e a República, revelando, com essa atitude, perplexidade em sua majestade, o Imperador D. Pedro II. Por isso, o diretor da Escola Naval quis puni-lo pela “malcriação”, mas, segundo Albuquerque, o imperador interveio em favor do jovem estudante.

Sendo a leitura de suas produções pouco apreciadas em sua época, veio, como romancista, ser valorizado a partir de meados do século XX, tornando-se, a

⁶⁸ ALBUQUERQUE, 2009, p. 35.

⁶⁹ Id., op. cit. p. 33.

⁷⁰ Ibid., loc. cit.

partir de então, um dos principais representantes do Naturalismo no Brasil. As perversões, o crime e as revelações cruéis da realidade de sua terra fazem parte permanente do enredo de suas produções literárias, embora em pouco número, são de densas revelações.

Das observações feitas em sua viagem de instrução aos Estados Unidos, resultaram os textos de *No país dos lanques* (1894) e *Bom-Crioulo* (1895). Em outras produções, como *Cartas literárias* (1895), Caminha reuniu algumas de suas colaborações na imprensa carioca, especialmente na *Gazeta de Notícias* e no *Jornal do Comércio*. Porém, em *Tentação* (1896), já tuberculoso em estado terminal, deixou seu último romance publicado. Adolfo Caminha morreu no Rio de Janeiro RJ em 1º de janeiro de 1897.

2.3.1 Sobre a obra

Para escrever *Bom-Crioulo*, publicado em 1895, Adolfo Caminha utilizou-se de suas memórias das viagens embarcadas que fizera aos Estados Unidos, no período em que servira na Marinha. Trata-se de um tema polêmico, principalmente naquela época: o homossexualismo. Tem a narrativa característica predominante do Naturalismo, movimento literário a que pertencia Caminha.

Na obra é evidente a descrição detalhada e lenta dos fatos, dos ambientes e das personagens. Fica também evidente no desenrolar da narração o “determinismo”, que marca o modo como as personagens são tratadas – produtos do meio em que vivem e sem opinião própria -; elas agem muito mais por instinto que pela consciência, buscando apenas um modo de sobreviver; o autor deixa clara a idéia da “adaptação ao meio” como forma necessária para a sobrevivência.

Assim, *Bom-Crioulo* pode ser considerado um dos primeiros romances brasileiros a abordar explicitamente o homossexualismo masculino em uma instituição de costumes tradicionais e comportamento regulado por normas específicas, bem como a figurar o negro como protagonista no enredo da obra. Por

esse trabalho corajoso, autor e obra merecem lugar de destaque no espaço da Arte Literária brasileira.

Vale ressaltar que o autor e a obra também passaram por processo de discriminação por muito tempo. Porém, com o avanço dos discursos de liberação da sexualidade e dos movimentos sociais dos quais participam os homossexuais e outros discriminados a partir do início do século XX, a obra passa por um processo de reavaliação. Assim, Adolfo Caminha e *Bom-Crioulo* conquistaram o espaço merecido no cenário de nossa Literatura.

O espaço referido na obra é o mar, à bordo de uma corveta da Marinha do Brasil, na qual serviam o marinheiro Amaro e o grumete Aleixo, e a Rua da Misericórdia, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, região próxima ao Cais Pharoux, onde desembarcavam e embarcavam os marinheiros que regressavam ou partiam para longas viagens de instrução.

Nas descrições desses espaços predominam os aspectos mais degradantes, despontando exposições de cenários em obras de autores da escola naturalista. É o que se observa logo no início do primeiro capítulo da narrativa:

A velha e gloriosa corveta – que pena! – já nem sequer lembrava o mesmo navio d’outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera de lenda, branca e leve no mar alto, grimpendo serena o corcovo das ondas!...

Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de “patescaria”⁷¹.

Essa caracterização de um espaço em ruínas, pode ser considerada uma alegoria da degradação que vai ocorrer com a personagem Bom-Crioulo. No início da narrativa é um negro forte, de músculos invejáveis que até provocava medo nos outros integrantes da corveta. Após a relação estabelecida com Aleixo ele vai se consumindo, tornando-se um ser doentio; “os próprios companheiros notavam certa mudança em sua fisionomia: - Estás magro, ó Bom-Crioulo, que diabo é isso?”⁷².

Embora possa haver uma ironia na pergunta de seus companheiros, mas pelo respeito que gozava na embarcação, sua aparência realmente havia mudado –

⁷¹ CAMINHA, s.d., p. 9.

⁷² Id., op. cit., p. 48.

tornara-se um ser humano cuja natureza vinha destruindo-se, em face ao relacionamento condenável pela tradição cultural estabelecida, que mantinha com Aleixo. Os castigos recebidos agora lhe trazem conseqüências drásticas. Aquele corpo que a chibata nunca fazia sequer uma mozza não tinha mais a mesma resistência. É do mesmo modo que o navio que se degrada a pessoa.

Não bastassem essas marcas, as caracterizações de traços dos marinheiros os tornam seres inferiores, sem importância e seres submissos aos seus superiores. Como é o caso da “marinhagem, analfabeta e rude”⁷³; da caracterização de Herculano como “rapazinho amarelo, cor de terra, [que] as unhas metiam náuseas, muito quilotadas de alcatrão, desleixadas mesmo”⁷⁴.

Além dessas descrições que permitem deduzir que se tratava de uma embarcação já em mau estado de conservação, as condições da mesma faziam dela um ambiente em ruínas. Isso se observa quando o autor descreve o convés com aspecto de “acampamento nômade”; os homens como “marinhagem entorpecida pelo trabalho, [...] espalhada por ali ao relento, numa desordem geral”; descreve as “macas de lona suspensas em varais de ferro, umas sobre as outras”; no local “respirava-se um odor nauseabundo de cárcere”⁷⁵.

Toda a descrição feita transmite a impressão de um local mal cuidado, com a presença de pessoas que se comportam como animais, e que pouco se importam com a higiene. Todos esses traços são características do Naturalismo. Do mesmo modo, ao descrever a Rua da Misericórdia, mostra somente seus aspectos degradados, como se observa no trecho a seguir:

[...] pararam defronte um sobradinho com persianas, de aspecto antigo, duas varandas de madeira carcomida no primeiro andar, e lá em cima, no telhado, uma espécie de trapeira sumindo-se, enterrando-se, dependurada quase⁷⁶.

O narrador mostra em toda obra, predominantemente, os aspectos negativos das personagens e do ambiente, como quando descreve a decoração do quarto alugado por Amaro:

⁷³ CAMINHA, s.d., p. 12.

⁷⁴ Id., op. cit, loc. cit.

⁷⁵ Ibid., p. 34.

⁷⁶ Ibid., p. 40.

[...] oleografias de carregação figurando assunto de alcova, duas em cada parede, colocadas simetricamente – [...] Tudo velho e incolor, poenta e maltratada. Respirava-se uma atmosfera de sebo e cânfora, renovada por uma triste janelinha que abria para a espécie de área pertencente à *loja*⁷⁷.

Desta maneira, o autor revela-se como um perfeito escritor naturalista e mostra claramente qual a característica fundamental de sua obra. Por outro lado, quanto ao tempo da obra, percebe-se que se trata da segunda metade do século XIX, justificada pelo fato de o autor referir-se ao movimento de libertação dos escravos.

Assim justifica, em seu contexto literário, o tempo estabelecido para a ocorrência de *Bom-Crioulo*:

Ainda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio ninguém sabe donde, metido em roupas com algodãozinho, trouxa no ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru⁷⁸.

Na referência acima, o narrador nos remete à segunda metade do século XIX, período em que os ideais abolicionistas tomam conta do espaço social e político da época.

Quanto às personagens, observa-se que são descritas envolvendo diminutivos, tipos cômicos, que revelam características do Naturalismo, estilo que predomina na literatura brasileira da segunda metade do século XIX. São pessoas sem vontade própria, agem quase sempre por impulso, por instinto ou mediante ordem superior. Essas caracterizações ficam visíveis em Amaro, em Aleixo e em outras personagens da narrativa, cuja função é subalterna.

Em Amaro, sobressaem apenas os traços referentes a aparência física: “homem robusto”, “resistência do Bronze”⁷⁹ e de grande força física, mas que no desenrolar da trama e pelo determinismo racial e social, vai se degradando, até ser preso. Em Aleixo é mostrado um “grumete que aceitava tudo com um ar filial, sem procurar a razão”⁸⁰; uma pessoa que se preocupava com o asseio; o

⁷⁷ CAMINHA, s. d., p. 43.

⁷⁸ Id., *ibid.*, p. 18.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 16.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 28.

“grumetezinho”; o “bonitinho”, mas que por pertencer a uma “raça” superior, vai superar todas as adversidades, tornando-se um homem em toda a sua virilidade e masculinidade.

Caminha, em toda a descrição das personagens, destaca com predomínio os caracteres que os deformam ou os caracterizam como seres irracionais, preguiçosos, que não se preocupam com a higiene, enfim, seres sem iniciativa e que só sabem executar ordem recebida.

Quanto ao contexto do enredo, o autor mostra o tempo em que a abolição da escravidão ainda não havia sido proclamada. Assim, Amaro é um negro foragido da fazenda que se alista e ingressa na Marinha – com o objetivo de ser um cidadão e somente desta maneira conseguir construir sua identidade. O enredo em si apresenta uma personagem marcada inicialmente por seus bons modos, Amaro tem caráter ingênuo; é obediente; por sua força física incomparável é temido. Por tudo isso, fica conhecido como Bom-Crioulo e todos os oficiais e o comandante do navio o admiravam por seu respeito a todos e pela correta execução de todas as tarefas excessivamente pesadas que lhe atribuíam.

Com o tempo, porém, o temperamento de Amaro vai se modificando, ele vai se aborrecendo com seus superiores. Quando bebia, principalmente cachaça, arrumava confusão em terra e tinha que ser preso. Por isso era castigado à bordo do navio. Nunca reclamava desses castigos. Porém, antes de ser dominado e preso ameaçava todo mundo com uma navalha que sempre trazia consigo.

Como já foi dito anteriormente, Bom Crioulo contava com mais de dez anos de atividade na Marinha quando, em uma de suas viagens, conhece Aleixo, filho de uma pobre família de pescadores de Santa Catarina, que embarcara na corveta como grumete. O pequeno era um “belo marinheiro de olhos azuis”⁸¹. “Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma”⁸².

Sendo assim, o interesse pelo grumete culmina em uma louca paixão homossexual. Amaro se justifica por não ter sucesso com o sexo oposto. Em certa

⁸¹ CAMINHA, s.d., p. 23.

⁸² Id., *ibid.*, p. 24.

oportunidade, discorre o narrador, “fora obrigado a dormir com uma rapariga em Angra dos Reis, perto das cachoeiras, por sinal dera péssima cópia de si como homem”⁸³. Isso teria lhe ocorrido quando tinha vinte anos, e agora aos trinta, tinha renascido o desejo sexual, ao conhecer Aleixo um garoto de quinze anos.

No navio oferece proteção “desinteressada” ao grumete e numa noite após um forte temporal, se achega ao pequeno, por debaixo das cobertas e segreda-lhe aos ouvidos. Aleixo não tendo como resistir aos caprichos do negro, permite-se ao relacionamento: “- Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza”⁸⁴.

Foi assim que Amaro, “homossexual ativo” – por ter a iniciativa da penetração, manteve relações sexuais com Aleixo, “homossexual passivo” – por aceitar sem contestação ser penetrado pelo outro. Ao desembarcarem, Amaro aluga um quarto para eles na Rua da Misericórdia. O quarto ficava no sobrado de D. Carolina, uma portuguesa quarentona, solteira que devia favores a Bom Crioulo. Ela o conhecia e sabia que ele não ligava para mulheres, por isso não estranhou a companhia de Aleixo.

Enquanto os dois trabalhavam na mesma corveta, a relação entre ambos ia bem, porém, quando Bom Crioulo é designado para embarcar em um couraçado, se vê obrigado a deixar Aleixo sozinho no quarto e em companhia de D. Carolina. Separado do grumete e sozinho no navio, Amaro está sempre se rebelando às ordens de seus superiores, por isso é constantemente impedido de desembarcar-se e ainda recebe exagerados castigos físicos pelas transgressões cometidas.

Assim, com saudades de Aleixo, se revolta contra tudo e contra todos; sente ódio de seus superiores e não tem a mesma dedicação ao trabalho. Certa vez ao ser castigado com outras centenas de chibatadas, adoece e é internado em estado grave no hospital militar, de onde é recomendado a não sair.

Enquanto está hospitalizado, tem sempre a esperança de receber a visita de Aleixo, mas isso não ocorre. Em certo dia encontra Herculano, o *Pinga*, amigo dos tempos na corveta, e fica sabendo que Aleixo continua na corveta, vivendo de

⁸³ CAMINHA, s.d., p. 27.

⁸⁴ Id., *ibid.*, p. 35.

favores dos oficiais e que está “enrabichado” com uma mulher – a dona do sobrado onde o grumete morava, Dona Carolina.

Por outro lado, a portuguesa quando se viu sozinha com o grumete, passou a se insinuar para ele, até que consegue seduzi-lo. Aleixo, que nunca havia tido experiência com mulher, se impressiona com a habilidade da quarentona e os dois se tornam amantes insaciáveis. O grumete supera a sua primeira fase de sexualidade e ingressa numa situação nova, agora reconhecida pela sociedade.

Após ter consciência do fato, Bom Crioulo resolve fugir do hospital, pois sabe que dificilmente teria alta do mesmo; muito pelo contrário, seu estado de saúde piorava a cada dia que permanecia naquela casa de saúde. Assim foge e vai até o sobrado à procura do grumete. Chegando à padaria em frente ao sobradinho, se informa sobre o pequeno marinheiro e tem a confirmação de que realmente está morando com Dona Carolina.

Amaro espera que Aleixo saia de casa e possa confirmar aquilo que lhe disseram. Encolerizado e com sentimento de ter sido traído pelo amante, se aproxima dele, agarra-o pela garganta e com sua navalha mata-o. Dona Carolina, lá da janela do sobrado, grita por socorro. A polícia chega e Amaro é preso.

A aglomeração de público é rápida. Muitas pessoas se preocupam com Aleixo. O narrador descreve assim sua última cena na obra:

Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul-escuro da camisa e a calça branca tinha grandes nódoas vermelhas, o pescoço estava envolvido num chumaço de panos, os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados⁸⁵.

Já Amaro, abandonado das preocupações populares, afasta-se do enredo da seguinte maneira:

Ninguém se importava com o “outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre as baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga... mas, um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, até cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém⁸⁶.

⁸⁵ CAMINHA, s.d., p. 98.

⁸⁶ Id., *ibid.*, loc. cit.

Assim como no final se verifica um total desprezo pelo negro, em outras situações é o mesmo que ocorre. Tudo isso leva-nos a crer que se trata de um processo de discriminação revelado pelo narrador em função de um determinismo racial e social pelo qual passou (e ainda passa) grande parte da população negra e grupos considerados minoria em nossa sociedade.

2.4 AMARO PELO OLHAR NATURALISTA

A narrativa deixa clara a “dependência dos seres vivos às circunstâncias externas”⁸⁷, especialmente nas personagens que se caracterizam em estado de submissão, como é o caso de Amaro e Aleixo. Isso se verifica nas frases: “ou morrer ou morrer”⁸⁸, “a natureza pode mais que vontade humana”⁸⁹ e em “Deus sabe o que faz”⁹⁰. Todas estas frases caracterizam a ausência de livre-arbítrio e fazem referência ao pensamento de Amaro, o qual, por um determinismo natural aceita todas as coisas que lhe causam dor ou exclusão de benefícios, com a maior naturalidade. Seu comportamento está condicionado ao ambiente em que vive. Assim, Amaro tem apenas um sentido forte, mas que é subjugado pelas fatalidades da situação. Ele chega inclusive a crer que sua cor e sua origem são as causas que determinam a infelicidade de seu destino.

Outra marca naturalista presente no enredo, que o narrador enfatiza é mostrar a afinidade do homem com os animais. Estes aspectos estão presentes em Aleixo: “[...] num grande ímpeto selvagem de novilho insaciável”⁹¹; em Carolina, “cheia de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada”⁹²; e, em Amaro, com maior destaque, “com os seus ímpetos de touro”⁹³ ou quando

⁸⁷ COUTINHO, 1997, p. 23.

⁸⁸ CAMINHA, s.d., p. 34.

⁸⁹ Id., *ibid.*, p. 38.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 49.

⁹¹ *Ibid.*, p. 71.

⁹² *Ibid.*, p. 56.

⁹³ *Ibid.*, p. 68.

dormira “toda a noite como um porco”⁹⁴, ou, ainda, “[...] com seus dentes de marfim, meio aguçados, como presas de tubarão”⁹⁵. Nesta última citação vale lembrar que além de referir-se ao peixe devorador, faz referência a um animal típico do continente africano, o elefante – mais uma ironia velada no interior do texto: pela origem e pelo porte físico do negro.

Por outro lado, há evidente caracterização do “distanciamento do fulco subjetivo”⁹⁶, ou seja, “atitude de aceitação da existência tal qual ela se dá aos sentidos”⁹⁷. Assim, em Amaro observa-se que ele “apanhava até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem”⁹⁸ – ele recebia com naturalidade todo o castigo, pois mandar castigar os subalternos era a função do comandante e ele estava ali para aceitar todas as determinações de seus superiores.

Desta forma, para o negro “a disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao régimen terrível do tronco e do chicote. Havia muita diferença”⁹⁹. Em sua maneira conformista de pensar, os maus tratos e o excessivo trabalho na Marinha, não eram significativos para ele, pois pior que tudo isso ele já teria sofrido na fazenda e ainda sem receber salário, como seus amigos que ainda permaneciam como escravos. Assim, o mal que havia sofrido vem justificar o conformismo com os maus tratos que recebe a bordo.

Da mesma forma, diante da “fraqueza” que sentira ao avistar Aleixo pela primeira vez embarcando em Santa Catarina, Amaro se recrimina por essa “loucura”, mas para ele “não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a *natureza* impunha-lhe esse castigo”¹⁰⁰. Assim, em todas as atitudes de Bom-Crioulo não prevalece nenhuma vontade própria, nenhuma subjetividade, somente aquilo que está exteriorizado pela natureza e pelo meio, portanto situações objetivas, é que preponderam sobre qualquer pensamento seu.

⁹⁴ CAMINHA, s.d., p. 39.

⁹⁵ Id., *ibid.*, p.49.

⁹⁶ BOSI, 2006, p. 167.

⁹⁷ Id., *ibid.*, pp. 167-168.

⁹⁸ CAMINHA, s.d., p. 24.

⁹⁹ Id., *ibid.*, p, 20.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 37.

Em todas essas características de cunho fortemente naturalista, Amaro se revela não responsável por suas próprias ações; ele é um ser humano incapaz de agir em sua própria consciência para decidir-se no que pode fazer – ele age como um brinquedo ou um objeto inanimado. Amaro está submisso a um determinismo pelas condições do meio, da sua origem negra e africana e pelo seu temperamento animalesco.

As condições a que está exposto também determinam seu temperamento. Amaro “não era homem para mulheres” e com a incorporação de Aleixo, acendeu-se-lhe sua identidade sexual – seria um homossexual, como tantos exemplos que tinha ali mesmo a bordo, porque as condições de convivência favoreciam a situação.

Segundo Aristóteles ¹⁰¹, “algumas das coisas que causam prazer são necessárias”, assim, os prazeres do corpo, como a conjunção sexual, são necessários e se referem à temperança. São coisas agradáveis e contribuem para um estado de felicidade, e o homem feliz exerce todas as atividades de manutenção de sua vida com alegria e prazer. Assim, Amaro no gozo de sua relação carnal com Aleixo estava feliz, por isso mantinha controlado seu comportamento, evitando os excessos oriundos de sua natureza animal.

Desta forma, enquanto esteve ligado ao Aleixo, durante um ano se comportou exemplarmente, tanto no trabalho quanto na vida privada. Em sua atividade cotidiana a bordo não tinha problemas; quando desembarcado ficava na companhia de Aleixo, ou, quando bebia, controlava-se. Mas, na natureza “não há bem que sempre dure” e o caso entre ambos pode ser ameaçado, pois, conforme Aristóteles escreve, “é certo que pode haver excessos de bens do corpo e o homem se torna mau por buscar o excesso e não por buscar os prazeres necessários” ¹⁰². É isso que volta a acontecer.

Amaro sabia que poderia ser designado para outro navio, bem como o Aleixo. Mas, “durante meses viveu ele uma vida calma” ¹⁰³. Para os oficiais, aquele comportamento era coisa passageira; mais cedo ou mais tarde ele voltaria a *aprontar*, pois “hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Coisas de caráter

¹⁰¹ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 152.

¹⁰² Id., op. cit., p. 169.

¹⁰³ CAMINHA, s.d., p. 45.

africano”¹⁰⁴. Assim, ele também estaria determinado a um comportamento agressivo, a cometer atos de indisciplina que ferem as normas da Marinha, porque sua condição de negro de origem africana abrigava uma conduta animal que a qualquer momento torna-se incontrolável. Mais uma vez Amaro não tem vontade própria para decidir sobre suas atitudes e está determinado às condições do meio, raça e temperamento.

Quando veio a sua designação para outra embarcação, que seria mais uma fatalidade em sua existência – mais trabalho, mais tempo embarcado e menos tempo para estar com seu amigo – o negro sedento de satisfação de todas as suas fantasias e desejos, ultrapassa os limites de controle de seu comportamento que vinha sendo contido na satisfação de suas *necessidades* junto de Aleixo.

Para dificultar e piorar ainda mais sua vida, fora recomendado aos seus superiores do couraçado para que evitasse deixá-lo ir muitas vezes ao cais, pois se embriagava e arranjava briga. Então, para seu próprio *bem*, só teria licença para desembarcar uma vez por mês. Assim, a situação do negro estava determinada, por fatores externos, ao retorno do desequilíbrio temperamental.

Apesar disso Amaro ainda tem espiritualidade e pensa na grandeza divina como solução para seus problemas. Para ele, “Deus sabe o que faz: a gente não tinha remédio senão obedecer calado porque marinheiro e negro cativo, afinal de contas, vem a ser a mesma cousa”¹⁰⁵. Mais uma vez, os fatores raça e condição social determinam seu imobilismo diante da situação que lhe foi imposta. Da mesma forma, sua fé também o punha em estado de conformismo. Amaro novamente é submetido e subjugado às forças externas que anulam sua vontade própria.

Assim, em Amaro estão os três problemas fundamentais que interessam mais de perto ao romance naturalista: “a luta contra os preceitos da Igreja, a reação ao preconceito de cor e a questão social”¹⁰⁶. Contudo, outro assunto que também poderia servir como interesse está presente, “como a exploração do homem pelo homem”¹⁰⁷. Amaro é explorado na execução exclusiva dos trabalhos pesados a bordo; enquanto ele trabalha, muitos outros ficam em farras e bebedeiras ao convés.

¹⁰⁴ CAMINHA., s.d., p. 45.

¹⁰⁵ Id., op. cit., p. 49.

¹⁰⁶ COUTINHO, 1997, p. 74.

¹⁰⁷ Id., ibid., loc. cit.

Pela maneira como o narrador registra os fatos, constata-se que se trata de um caso popular, como descreve a situação vivida pelo negro no hospital: sua dor, suas preocupações, a justificativa da necessidade de vingança, seu estado de saúde ainda mais abalado, a fuga e, finalmente, o desfecho do crime à moda de um crime “passional”, faz da narrativa um caso próximo do “verismo”. Há uma tentativa de “transposição da realidade, na sua crueza, na sua bestialidade e nos seus atos vis, para que daí se inferisse a necessidade da transformação social que era o alvo”¹⁰⁸ dos movimentos revolucionários e reivindicações do século XIX.

Portanto, Amaro, em toda sua falta de livre-arbítrio, se submete “ao destino cego das leis naturais que a ciência da época julgava ter codificado”¹⁰⁹. O ambiente e a condição dos marinheiros que circundavam as cenas em que Bom-Crioulo era apresentado na narrativa, mostra-se com falsa moral, a qual Bosi trata de “moral cinzenta do fatalismo”¹¹⁰, ou seja, uma falsa moral, que o autor afirma estar nas obras de Adolfo Caminha.

Então, Amaro faz parte de uma denúncia e de uma agressão ao *status quo* da vida pública, em que o próprio narrador transfere para a personagem seu conhecimento da realidade. Amaro, em todo o seu conformismo, é introjetado “nos meandros de sua consciência reificada: como *lei natural* e sujeito à lei do mais forte. Desta forma, segundo Bosi, “o apelo ao destino [...] deve ser visto à luz dessa dialética de revolta e impaciência a que tantas vezes se tem reduzido a condição do escritor no mundo contemporâneo”¹¹¹.

Em Amaro, Adolfo Caminha “desnuda as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e busca, para ambos, causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem de muito a área de liberdade”¹¹², por isso a personagem não consegue agir por iniciativa própria, não age pelo seu livre-arbítrio, até porque sua condição de escravo ainda permanece latente. Amaro se considera, na Marinha, ser o mesmo escravo que lá na fazenda; para ele as diferenças são poucas, embora fosse negro, não era “nenhum burro de

¹⁰⁸ COUTINHO, 1997, p. 64.

¹⁰⁹ BOSI, 2006, p. 168.

¹¹⁰ Id., op. cit., loc. cit.

¹¹¹ Ibid., loc. cit.

¹¹² Ibid., p. 169.

carga”; se achava ainda “[...] escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda a parte... E chamava-se a isso de servir a pátria!”¹¹³. Então, não resta dúvida de que é uma denúncia explícita contra as mazelas públicas, pois o serviço militar é obrigatório e, na forma como foi mostrado na narrativa, pode ser considerado uma exploração do homem.

Desta forma, o romance *Bom-Crioulo*, como obra do Naturalismo, segundo Coutinho, toma “uma atitude que, na sociedade do tempo, reclamava reforma ou destruição”¹¹⁴.

Não bastasse tudo isso, ainda se percebe que todas as referências caracterizadoras da personagem levam a crer que se dá um tratamento discriminatório contra o indivíduo de cor negra, ex-escravo e de origem africana. Isso também fica implícito até no seu apelido: “bom crioulo” ou “Bom-Crioulo”. Era bom crioulo enquanto não tinha consciência de que era explorado; quando era um marinheiro que não revelara qualquer “vício” que não fosse o de executar com presteza todas as tarefas mais pesadas a bordo. Depois Bom-Crioulo, como um tratamento irônico, uma forma pejorativa de não tratá-lo de negro, sem inteligência e iniciativa; assim, esta forma de tratamento representa uma desvalorização de sua pessoa como ser humano. Afinal, tudo isso é uma representação típica do Naturalismo, escola que predominou no cenário literário na segunda metade do século XIX. Segundo Bosi, Amaro é um dos “seres distorcidos ou acachapados pelo Fatum”¹¹⁵, conforme tantos outros personagens criados no contexto do Naturalismo brasileiro.

¹¹³ CAMINHA, s.d., p. 39.

¹¹⁴ COUTINHO, 1997, p. 73.

¹¹⁵ BOSI, 2006, p. 173.

2.5 ALEIXO E A IDENTIDADE TRANSFORMADA

Aleixo surge desde o princípio da narrativa como o oposto de Amaro: é branco e de olhos azuis, fisicamente fraco, pueril, ingênuo, indefeso e subjugado pelas circunstâncias e por quem lhe é mais forte – é submetido aos desejos, aos caprichos e fantasias de Amaro, assim como aos caprichos de D. Carolina. Apesar disso, estas características do grumete vão determinar, pela superioridade de sua cor, uma transformação profunda na constituição de sua identidade individual.

Diante do negro, Aleixo só fazia responder timidamente “Sim senhor”, portando-se sempre “com um arzinho ingênuo de menino obediente, os olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos”¹¹⁶. Demonstrando um ar de completa submissão, Aleixo vai se transfigurando, ao longo da narrativa, num verdadeiro processo de construção de sua identidade.

Nada se sabe do seu passado, apenas que era filho de uma pobre família de pescadores do interior de Santa Catarina, onde ingressou para a Marinha como aprendiz de marinheiro, com apenas quinze anos de idade. Sua ligação com Amaro oferece-lhe proteção e a possibilidade de conhecer a cidade grande.

Logo de início já demonstra sua capacidade de adaptar-se ao meio e tirar proveito da situação e de sua condição. Observa-se que:

Aleixo estava satisfeitíssimo com a vida que ia levando naquele céu aberto da corveta, querido, estimado por todos, invejado por meia dúzia. Nada lhe faltava, absolutamente nada. Era mesmo uma espécie de principzinho entre os camaradas, o “menino bonito” dos oficiais, que o chamavam de *boy*. Habitando-se depressa àquela existência erradia, foi perdendo o acanhamento, a primitiva timidez; e quem o visse agora, lesto e vivo, acudindo à manobra, muito asseado sempre na sua roupa branca, o boné de um lado, a camisa um pouquinho decotada na frente, deixando ver a cova do pescoço, ficava lhe querendo bem, estimava-o de veras. Essa metamorfose rápida e sem transição perceptível, foi obra de Bom-Crioulo, cujos conselhos triunfaram sem esforço no ânimo do grumete, abrindo-lhe na alma ingênua de criança o desejo de conquistar simpatias, de atrair sobre a sua pessoa a atenção de todos¹¹⁷.

¹¹⁶ CAMINHA, s.d., p. 24.

¹¹⁷ Id., *ibid.*, p. 28.

Assim, nota-se que Aleixo, desde o início já apresenta uma metamorfose significativa em sua aparência, embora toda essa transformação seja fruto da iniciativa do seu protetor, Bom-Crioulo. E como reconhecimento da proteção e dos “favores” do negro, Aleixo se deixa levar pelas investidas de Amaro. Já bem diferente daquele “quase criança” que embarcara no sul, aquele a quem, a princípio, Bom-Crioulo metia medo, “Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquele generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma tendência acentuada para Bom-Crioulo” ¹¹⁸.

Aleixo se transforma rapidamente e vê em Amaro a possibilidade de mudar sua vida, ter uma pessoa que lhe protege e lhe ofereça segurança. Assim, lá na proa, sob a coberta, ele vai começar “a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade” ¹¹⁹.

Destarte, ao deixar-se penetrar por Amaro e aceitar as propostas recebidas, Aleixo começa a experimentar novas situações de vida. Vai conhecer a cidade grande e exercitar uma prática de sexualidade que desconhece. Mas a homossexualidade a que se submete, vai ser útil para seu desenvolvimento. Amaro vai mostrar-lhe o é ser viril, e Aleixo vai aprender no próprio corpo.

Assumindo o relacionamento com o negro, Aleixo ostenta uma postura delicada, controlada em seus desejos, possibilitando considerar que foi criado para reprimir a sua sexualidade, já que, de acordo com Lopes ¹²⁰, são representações femininas que se manifestam em suas atitudes. Depois de permitir a primeira relação com Amaro, o grumete se submetia passivamente aos caprichos dos desejos insaciáveis de touro de Bom-Crioulo. Complementando as características femininas de Aleixo, as palavras no diminutivo a ele atribuídas, como “coitadinho”, “bonitinho”, “grumetizinho”, “marinherito”, “sossegadinho”, “reizinho ingênuo”, “rapazinho”, demonstra tratar-se de um objeto delicado – o que ele era para Amaro.

¹¹⁸ CAMINHA, s.d., p. 25.

¹¹⁹ Id., *ibid.*, p. 35.

¹²⁰ LOPES, 2002, p. 157.

Da mesma forma, as suas descrições como: “olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos” ¹²¹; “a brancura láctea e macia daquela carne tenra” ¹²² e “alvo e louro, sempre muito bem penteado, o cabelo sedoso, [...], cheirando a essência” ¹²³, são marcas femininas de “uma rapariga que se vai fazendo mulher” ¹²⁴, como o próprio narrador escreve. Todos estes indícios caracterizam a feminilidade de Aleixo.

Como objeto de desejo, o grumete não compartilhava dos prazeres do amigo – suas necessidades eram outras e sentia-se feliz naquela vida. Porém, o excessivo e insaciável desejo do negro faz surgir em Aleixo insatisfações e com elas vem a vontade de separar-se de Bom-Crioulo. Assim, a nomeação de Amaro para servir no couraçado foi um fato importante para que pudesse ficar sozinho e pensar numa outra relação que lhe trouxesse outras vantagens. Inicialmente pensa em outro homem, mas de dinheiro, mas acaba se entregando às *taras* de Carolina.

Nesta situação, a relação homossexual esfria-se e, aos poucos, com a rotina e a falta de novidades, Aleixo chega à conclusão de que não valia mais a pena ficar com Amaro. O “que podia esperar ele de Bom-Crioulo? Nada, e, no entanto, estava sacrificando a saúde, o corpo, a mocidade... Ora, não valia a pena! [...] - Estava aborrecido, muito aborrecido; precisava mudar de vida...” ¹²⁵. O grumete sente a necessidade de transformar-se, de enveredar-se em outra aventura, muito embora já estivesse “acostumado àquilo” e Bom-Crioulo lhe ensinara que no Rio de Janeiro não se reparavam essas coisas.

Sob a companhia e proteção de Amaro, Aleixo vai se revelando por inteiro: à sua fraqueza física, soma-se sua fraqueza moral evidenciada, sobretudo, pela volubilidade de caráter. Essa volubilidade está presente na indefinição do objeto sexual: Amaro ou Carolina. A ele não importa qual seja o sexo de seus amantes, desde que as relações lhe ofereçam vantagens financeiras. Demonstrando com essa atitude certa ingratidão e infidelidade a Amaro, ao deixa-se envolver por D. Carolina. A esta se subordinou, a princípio, pelos privilégios que lhe oferecia.

¹²¹ CAMINHA, s.d., p. 24.

¹²² Id., *ibid.*, p. 46.

¹²³ *Ibid.*, p. 47.

¹²⁴ *Ibid.*, loc. cit.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 51.

É evidente que a relação entre o grumete e a portuguesa é marcada por mútuos interesses. Aleixo dedica-se a essa nova relação, de tal modo que suas atitudes passam a ser focadas por uma atitude exclusiva do sexo dominante. Aleixo sentindo ciúmes da Carolina desenvolve a vontade de ficar para sempre com ela e o desejo de tê-la somente para si – não queria saber de outro homem com ela. Assim desenvolve o sentimento de posse, característica de masculinidade.

O grumete também tem uma mudança significativa em sua aparência física: de garoto franzino passa agora a ser muito mais homem, está gordo, sadio e forte, apesar de sua pouca idade. Não há dúvida que Aleixo passa por um processo rápido de transformação, para uma nova identidade.

Desta forma, esta nova experiência sexual é importante em sua mudança, pois lhe desenvolve a heterossexualidade e o desejo de “bezerro insaciável”. Também vai contribuir para a evolução das características de feminilidade para a de masculinidade. Essa passagem é mostrada na descrição da cena em que, tomado pelo ciúme, proíbe D. Carolina de ver o Manuel do açougue, aquele que ainda pagava pelos “favores” da portuguesa. Ela promete romper com o amante, mas essa separação poderia trazer dificuldades financeiras ao novo casal, pois “se o açougueiro não continuasse a fornecer carne e a pagar o aluguel do sobradinho, tanto ele [Aleixo] como a portuguesa teriam renunciado àquele amor”¹²⁶.

Imerso em seu egoísmo e pensando somente em si mesmo, Aleixo é incapaz de perceber o que sua atitude de abandono poderia causar em Amaro. Assim nunca se lembra do negro. Quando sabe do bilhete que D. Carolina recebeu e destruiu, faz de conta que o negro nunca existiu em sua vida. Verifica-se, com isso, que a transformação em seu caráter também foi significativa.

Nesta situação de afastamento e esquecimento, fica mais tranquilo e sem receio de que Bom-Crioulo pudesse procurá-lo. Jamais pensou que o negro pudesse estar magoado, tomado de ressentimento e de ciúmes e que pensasse numa vingança. Agora identificado com a portuguesa, esquecia-se de certas coisas que o faziam tímido e medroso. Aleixo nesta situação leva vida regalada, ora em terra sob

¹²⁶ CAMINHA, s.d., p. 80

os cuidados de D. Carolina, que não lhe negava nada e tudo fazia para agradá-lo; ora a bordo da corveta, cercado de cuidado recebido por parte dos oficiais.

Porém, o seu excesso de confiança, o total desprezo pelas preocupações da vida e a ignorância da força da paixão animalesca que movia Amaro, determina um desfecho cruel: a paixão do negro se transforma no maior dos ódios e Aleixo é eliminado por Amaro, no meio da rua, quando sai do sobradinho acompanhado de Carolina.

Portanto, segundo Arantes ¹²⁷, essa transformação acentuada em Aleixo traz implícita uma ideologia da raça. Ideologia essa que desqualifica o negro como raça e culturalmente inferior em relação aos brancos. Nesse modo de pensar, os negros são inaptos ou incapazes, portanto, devem ser subalternos na sociedade. Também exercem função manual, preferencialmente tarefas pesadas, para que mostrem sua força insuperável para os brancos, porém, representa uma discriminação pela ideologia da raça.

Aleixo faz parte de uma pressuposta raça superior, a branca, por isso pode passar por processo de transformação no desenvolvimento do enredo. Essa diferença de raça é vista como natural pelo determinismo racial, corrente que influenciou os escritores do Naturalismo e que particularmente Adolfo Caminha, deixa registrado nas páginas de *Bom-Crioulo*.

¹²⁷ ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14^a ed. (1^a reimpressão). São Paulo: Brasiliense, 1995.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

DA ETERNA PROCURA

“Só o desejo inquieto, que não passa,
Faz o encanto da coisa desejada...
E terminamos desdenhando a caça
Pela doida aventura da caçada.”
(Mário Quintana).

A homossexualidade pode ser entendida como uma construção social, fruto do discurso sobre a sexualidade que produziu “verdades”, criou e legitimou categorias sociais, não legítimas, existentes antes do século XIX. Assim, o homossexualismo, como categoria é um fato recente e tem origem a partir das manifestações ocorridas contra a burguesia, na tentativa de se tornar pública as verdades sobre o sexo. O termo teve sua primeira aparição num panfleto anônimo espalhado na Europa no ano de 1869.

Desta forma, nessa produção da verdade sobre o sexo, constata-se um dispositivo do poder que classifica a sexualidade como possuindo uma manifestação normal e natural, tendo como contrapartida o anormal e o desvio ou anomalia. Essa constatação está na categoria de homossexualidade apresentada nos estudos realizados por Michel Foucault, quando vislumbra esclarecer a história da sexualidade.

Na sociedade, essa categoria carrega consigo um traço, ou marca, que desqualifica, para o convívio social, a homossexualidade, considerando-a como uma cicatriz facilmente identificável e que afeta, significativamente, as relações sociais daqueles que carregam este sinal. Entre essas relações está a discriminação.

No caso específico em *Bom-Crioulo*, tem-se a permanente observação dos oficiais ao comportamento de Amaro, a sua transferência para outra embarcação e a internação recomendada ao hospital militar. Todas essas atitudes dos militares que ostentam poder diante do marinheiro, demonstram sinais que “acinzenta” suas imagens. Assim, além de um olhar negativo à atitude do negro, também o discriminam pela cor da pele e pela sua origem social.

O discurso sobre a homossexualidade pode ser considerado um produto de um dispositivo social que a regula. É um discurso, um conceito criado e categorizado para denominar e conceitualizar determinados modos de ser e de estar no mundo.

Por outro lado, o homossexual ainda é visto, em lugares, situações e instituições tradicionais, como um ser sedento de sexualidade, não conseguindo controlar sua pulsão de “desejo”, nem seus instintos libidinosos e “diabólicos”. Assim, em determinados lugares, situações e instituições, o homossexual é visto como um ser “anormal” e “vicioso” e isso pode *contaminar* o ambiente.

Observa-se, então, que a sexualidade deve ser admitida como um campo de elaboração, compreensão e parâmetros de condutas humanas, devendo ser explorada com seriedade e serenidade, mas com rigor e isenção de qualquer ideologia, principalmente a sexista¹²⁸.

De acordo com Foucault, a sexualidade pode ser compreendida como um processo de “desconstrução” da idéia de sexo, já que sua história se confunde com a história dos discursos, nas manifestações ocorridas, principalmente, a partir do século XIX. Assim, para o pensador francês, o discurso sobre a repressão ao sexo, ou sexualidade, em sua maior amplitude humana, se mantém, justificada pela sustentação do poder vigente.

Outro aspecto a considerar é a respeito da evolução da feminilidade à masculinidade em Aleixo. Pode-se afirmar que se trata de um processo extremamente complexo, pois muitos fatores visíveis e invisíveis contribuem nesse processo. Assim, quando se é masculino e há um incentivo à masculinidade, constrói-se um espaço político e social, através de rituais e provas de iniciação e há sempre o fantasma da negatividade por perto. É uma situação em que o incentivador coloca o iniciante em condições de pressão, para que o desenvolvimento se manifeste precocemente.

Em *Bom-Crioulo*, porém, Aleixo não tinha este estímulo inicial. Ele está com quinze anos de idade, em pleno desenvolvimento de sua identidade, em fase

¹²⁸ **Sexista** – compreendida como uma ideologia do sexo, qualquer que seja a manifestação da sexualidade.

de afirmação para a vida adulta e encontra-se num ambiente em que o estímulo à masculinidade, conforme o desenvolvimento do enredo feito pelo narrador, não é favorável.

Inesperadamente surge em sua vida uma pessoa que procura, de todas as formas, estimular-lhe a vaidade e promover sua transformação, muito embora apenas na aparência externa. É Bom-Crioulo que lhe cerca de carinho e cuidados excessivos. Sua inexperiência, ingenuidade e obediência cega, fazem com que permita a relação homossexual, como sujeito passivo.

A partir da primeira relação, o grumete passa a compartilhar de uma aprendizagem no tocante ao exercício de uma sexualidade, permeado por outros interesses. A aceitação passiva não permite que Aleixo desenvolva uma sexualidade em direção oposta à inicial. Assim, a feminilidade toma conta de seu comportamento, bem como da construção de sua identidade como homossexual.

A presença de Carolina em sua vida, uma solteirona de comportamento característico de masculinidade, vai desenvolver-lhe, por contato e influência do ímpeto agressivo de mulher-homem que a portuguesa representa, uma nova sexualidade. Assim, a heterossexualidade aflora na vida de Aleixo, bem como lhe desenvolve um novo comportamento – o de macho insaciável, sedento de sexo. Torna-se um praticante “vicioso”, quer a toda hora possível e em diversos lugares, bem como o desejo pela exclusividade, do domínio, da demonstração de força, enfim, o exercício do poder sobre o sexo oposto. Desta forma, Carolina funciona, para Aleixo, como uma força motivadora para a aquisição da masculinidade, também pelo contato e influência que ela transmite ao grumete.

Aleixo era meigo, obediente, passivo e “feminino” enquanto está submetido à força de Amaro – macho, viril, forte e dominante. Por outro lado, ao descobrir-se com potencial másculo, estimulado por Carolina, recende-lhe o brilho ao desejo de macho e de dominação. Com isso, vem a sua transformação, que no ponto de vista do pensamento científico influente à época da produção do livro, representa um processo de intermediário e necessário para a sobrevivência e desenvolvimento do “efebo”..

Desta forma, em Aleixo constata-se que a identidade, assim como o ato sexual, é um processo em construção e que está condicionada à manifestação e ao desenvolvimento dessa sexualidade. Observa-se também que o sexo, como manifestação humana, é uma ação “dinâmica e não vai em uma só direção [...] a vida toda” ¹²⁹. Assim, do mesmo modo como não podemos pensar numa identidade completa, plenamente realizada, a sexualidade também deve ser compreendida sempre como um processo em permanente construção, podendo ora estar numa direção, ora em outra.

Em outra consideração relativa ao Amaro, percebe-se que todas as referências caracterizadoras de sua personalidade levam a crer que se manifesta um tratamento discriminatório contra o indivíduo que tenha características semelhantes. Portanto, a obra *Bom-Crioulo* é uma forma de denúncia contra essas mazelas da vida pública que engendra a sociedade do século XIX, em geral, e na segunda metade desse século, em particular.

Da mesma forma, o determinismo racial e social, filosofia do pensamento científico contemporâneo às publicações de Adolfo Caminha, tem significativa relevância na construção do enredo e da personagem Bom-Crioulo. Segundo ele, o negro estaria predestinado às injustiças, aos castigos mais rigorosos, aos trabalhos mais pesados, aos maiores insucessos, enfim, fadado à degradação como pessoa, raça e homem, em toda a sua estrutura temperamental, moral e física.

Verifica-se também que permeia no interior da narrativa uma ideologia de raça, na qual a raça negra é considerada desqualificada, pois nela os indivíduos negros são incapazes de se adaptar à nova realidade social. Já o branco, por sua vez, está capacitado e consegue superar as maiores dificuldades e alcançar um patamar de estabilidade social, independente das formas e recursos empregados neste processo de elevação. É o que se percebe na transformação de Aleixo e na decadência de Amaro.

Vale ainda considerar que as descrições mais significativas do romance são condizentes com a estética naturalista, por isso, há um predomínio privilegiado da observação metódica dos fatos, os quais representam aspectos acentuados de

¹²⁹ LOPES, 2002, p. 100.

verossimilhança. Os ambientes incluídos no enredo são bem próximos do “verismo”, transmitindo-nos a idéia de realidade. Da mesma forma, a representação contextual, de modo geral, tem a mesma representatividade.

Bem ao estilo naturalista, o narrador emprega uma atitude que caracteriza o método científico de observação da natureza e dos fatos que nela ocorre, aspecto comum num trabalho de pesquisa científica. Da mesma forma, emprega acentuada exatidão nas descrições, apelando para minúcias e citação de fatos para-históricos.

Encerrando tais considerações, vale destacar que o homossexualismo tratado na obra *Bom-Crioulo*, é um assunto polêmico pois, na época em que foi lançado o livro, o tema permeava os discursos das manifestações que, durante o século XIX, lutavam para o reconhecimento das “verdades” sobre o sexo. Não há dúvida de que o homossexualismo participava de discussões e estudos buscando conhecer suas origens e causas, bem como a exigência de integração social em todos os sentidos.

Enfim, *Bom-Crioulo* faz uma denúncia, como já foi acentuado anteriormente no interior deste trabalho, sobre as condições de vida humana enfrentada pelo marinheiro e a que crueldade é submetida a pessoa que, como subalterno nas instituições onde há rígido grau hierárquico, sofre determinadas discriminações. Há também uma discussão em torno da liberdade de homens, que ainda mantêm-se presos por “correntes invisíveis”, fruto do meio onde convivem.

4. REFERÊNCIAS

AGGIO, Alberto (org.) **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: UNESP, 1998.

ALBUQUERQUE, Cláudia. **Adolfo Caminha**. 2ª ed. Fortaleza – CE: Demócrito Rocha, 2009.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ª ed. (1ª reimpressão). São Paulo: Brasiliense, 1995.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BARSA Planeta Internacional. **Dicionário Barsa da Língua Portuguesa**. Lexicógrafa resp. Thereza Christina Pozzoli. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

Bíblia Sagrada. Trad. Pe. Antonio P. de Figueiredo. São Paulo: Difusão Cultural do Livro Ltda, s. d.

BOSI, Alfredo. “Plural, mas não caótico”, in: **Cultura Brasileira: Terra e Situações**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1972.

_____. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Escala, s. d. Coleção Grandes Mestres da Literatura Brasileira.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual – essa nossa (des)conhecida**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COMTE, Augusto.; **Discurso sobre o espírito positivo**. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, s.d.

CONDURÚ, Marise Telles e PEREIRA, José Almir Rodrigues. **Elaboração de Trabalhos Científicos: normas, critérios e procedimentos**. 4ª ed. rev., ampl. e atual. Belém: UFPA, 2010.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 4ª Ed. São Paulo: Global, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: Autores e obras fundamentais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

DUARTE, Ruth de Gouvêa. **Sexo, Sexualidade e Doenças Sexualmente Transmissíveis**. São Paulo: Moderna, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice e NORONHA, Jovita Maria Gerheim. “Identidade nacional e identidade cultural”, in: **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora – MG: UFJF, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – A vontade de saber. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Microfísica do Poder**. Org., intro. e ver. tec: Roberto Machado. 16ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREUD, Sigmund. **Os Pensadores**. Trad. Durval Marcondes *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Trad: Calos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRISA, Pedro A. **Compreendendo a Homossexualidade**. Florianópolis: Edipappi, 2006.

KUPPER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação** – o mestre do impossível. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1996.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades fragmentadas: A construção discursiva de raça. Gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2002.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Realismo (1881 – 1902)**. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001. Vol. III

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte literária brasileira**. São Paulo: Moderna, 2000.

PLATÃO. . **O Banquete** – Apologia de Sócrates. 2ª ed. rev. Trad. NUNES, Carlos Alberto. Belém: EDUPFA, 2001

PRADO, Guilherme do Val Toledo & CUNHA, Renata Barrichelo (Orgs.). “Sobre pesquisa: um exercício e alguns ensaios”, in: **Percursos de autoria: exercício de pesquisa**. Campinas – SP: Alínea, 2007.

PRADO, Marco Aurélio Máximo e MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A Origem da Desigualdade entre os Homens**. Trad.: MIORANZA, Ciro. São Paulo: Escala, s. d.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: A construção do conhecimento. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. “Introdução”, in: **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tribades Galantes, Fanchonos Militantes**: homossexuais que fizeram história. São Paulo: Summus, 2000.